

ARGUS

REVISTA
MENSAL ILLUSTRADA

— N.º 2 —

JUNHO DE 1907

PREÇO AVULSO
100 REIS

DIRECTOR

GAMPOS MONTEIRO



Proprietario e administrador, Mario Leitão — R. D. Pedro, 178
Comp. e impr. — Typ. da Empresa Litteraria e Typ. — R. D. Pedro, 178 — Porto



Se presaes a saúde
de vossos filhos e os
quereis ver fortes e
com boas cores, de-
veis dar-lhes a

FOSFIODOGLICINA DE *Lemos & Filhos*

*Este medicamento-alimento é recommendado por
todas as notabilidades medicas do nosso paiz, como
superior ao Oleo de figado de bacalhau e ás suas
Emulsões.*

EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA LEMOS & FILHOS
PORTO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA DO "ARGUS,"

PAGAMENTO ADEANTADO

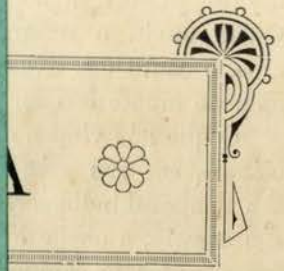
PORTUGAL, INDIAS e COLONIAS		BRAZIL	EXTRANGEIRO	
Anno	1\$100	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)
Semestre	600			
Trimestre	300	Moeda fraca.	8\$000	Francos 8.00

Numero avulso em Portugal, 100 reis

Para assignar esta publicação basta remetter á Administração do *Argus* o nome e endereço juntamente com a importancia da assignatura (em valle do correio, estampilhas ou ordem de facil cobrança). Sempre que a cobrança tenha de fazer-se pelo correio, acresce a importancia das respectivas despesas.

REV. J) FH 11.

Hos nossos presados assignantes e leitores
e á Imprensa portugüesa



☉ benevoló acolhimento que obtve o primeiro numero d'esta revista, excedendo muito a nossa expectativa, obrigou-nos a reimprimi-lo afim de podermos satisfazer os numerosos pedidos de assignaturas que de toda parte continuamos recebendo. Como era natural, a inesperada reimpressão do 1.º numero occasionou o atraso com que apparece o 2.º, do que pedimos desculpa aos nossos presados assignantes e leitores, certificando-lhes que empregaremos todos os esforços para que os seguintes numeros appareçam sempre nos primeiros dias de cada mez.

Aos nossos estimados assignantes e leitores e á illustrada imprensa portugüesa — que tão amavelmente nos receberam — o nosso profundo reconhecimento.

Junho de 1907

mante Primavera!
dia sussurrando
a annunciaveis.
as aves a festejam
já com verdes
bosque; estão-se os rios
s a murmuram;
s vales se alcatifam;
Natureza é d'ella!

a, gracil descripção de
er que vão mudados os
o 1.º de maio só poderá
erarios. Que os poetas,
e sensibilisem na con-
a em festa, não conse-
ra um miseravel som,
rancudo mez que vimos
ua a marcar a entrada

A Empresa.

da florida Primavera. E saltando cedo da cama, e preparando-se para a orgia pagã do campo, o poeta bradava:

da Primavera... nos calendarios.
De facto, quem nesse escuso lapso de trinta e um dias pôde extasiar os olhos, um

Rev. J) FH H.

ARGUS REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE D. PEDRO, 184—PORTO

Director e redactor principal — Abilio de Campos Monteiro
Proprietario e administrador — Mario Antunes Leitão
Composto e impresso nas officinas da Empresa Litteraria e
Typographica. — Proprietario e gerente, Joaquim Antunes Leitão
— Rua de D. Pedro, 178. — PORTO.

CHRONICA

Junho de 1907

MAIO! Maio! Mez das sebes floridas, das claras madrugadas e dos serenos pôres-de-sol! — Assim se exprimiam, no empolado estylo oriental, o rhapsodo antigo. E assim o paraphraseavam em todos os tons, os bardos do principio do seculo XIX, desde Gessner na Allemanha até Castilho em Portugal.

Este ultimo, então, apesar de cego, ou quiçã por isso mesmo, adstringiu ao mez de maio attributos que talvez nenhum outro soube vêr. Para Castilho o primeiro dia de maio era de grande gala, a data mais solemne do anno. Era nesse dia que a natureza toda se vestia de galas, annunciando a despedida do Inverno, esse rispido general commandante d'um exercito de trovões, coriscos, inundações e aguaceiros, batendo em retirada diante da florida Primavera. E saltando cedo da cama, e preparando-se para a orgia pagã do campo, o poeta bradava :

Eil-a que chega, a amante Primavera!
Logo ao romper do dia sussurrando
vós, favonios azues, a annunciaveis.
Chegou... chegou! as aves a festejam
desatinadas, doidas; já com verdes
braços lhe acena o bosque; estão-se os rios
a retratal-a; as fontes a murmuram;
traz gala o monte; os vales se alcatifam;
ri-lhe o ceo todo; a Natureza é d'ella!

Em face da risonha, gracil descripção de Castilho, é bem de vêr que vão mudados os tempos. Hoje em dia o 1.º de maio só poderá enthusiasmar... os operarios. Que os poetas, aquelles cujos olhos se sensibilisem na contemplação da natureza em festa, não conseguirão arrancar da lyra um miseravel som, diante d'este negro, carrancudo mez que vimos de atravessar, e continua a marcar a entrada da Primavera... nos calendarios.

De facto, quem nesse escuso lapso de trinta e um dias pôde extasiar os olhos, um

momento só, na contemplação de qualquer ameno quadro, que lhe desse um pallido reflexo das soberbas descripções dos poetas arcadicos? Quem, subindo ao alto de uma collina, olhando em baixo o valle somnolento, desconfiou de que alli em baixo Filinto e Amarillis pudessem a essas horas descantar o seu idyllio pastoril á sombra de annosa olaia? Quem ouviu o sussurro d'esses azues favonios, o canto das aves desatinadas, ou viu a gala do monte e o sorriso do ceo.

O que nós vimos, o que todos nós presenciámos, em que peze a poetas e pastores, foi um temporal indomavel açoutando o arvoredado e o casario, a cheia dos rios, lambendo, lodosos e turvos, os campos das margens, os valles transformados em pantanos, os montes mudados em cascatas, o ceo soturno e negro como a alma de um criminoso, a terra alagada e gottejante como a fronte de um suppliciado. E quanto a aves, se algumas appareceram foram sómente as andorinhas, tristemente surprehendidas com a inhospitalidade de um paiz a que ellas haviam arribado, confiando na amenidade do seu clima e na serenidade do seu ceo azul, — essa tenebrosa mentira que a Sociedade de Propaganda de Portugal vae dia a dia afixando nos jornaes e guias do estrangeiro...

*

Como não podia deixar de ser, o estado do tempo reflecte-se nas almas, e nunca como agora se amostraram os temperamentos tão biliosos e tão impressionaveis. Como exemplo d'essa nefasta influencia meteorologica, basta que citeamos a mudança de ideias e de formulas administrativas que acabam de soffrer essas duas grandes potencias que em Portugal se chamam Companhia dos Tabacos e Presidente do Conselho de Ministros.

A primeira, que lentamente nos vinha envenenando com as suas folhas de detesta-

vel nicociana, a preço já nada modico, eis que de repente, em dia de menos sol e mais bilis, resolve subir o preço dos seus productos, provocando nos fortes peitos lusitanos uma celeuma como ainda não viramos depois do *ultimatum* inglez.

O segundo, que seductoramente nos adormecera com o seu embriagante canto de sereia politica em adoração permanente diante do altar da liberdade, eis que de repente faz a *culbute*, e chama a dictadura em auxilio do seu plano governativo. — E logo um largo frémito de reacção percorre o paiz, vozes inquietas se erguem nos centros de palestra, e uma lenta mas forte conspiração se vae desenvolvendo, tendente a abolir o vicio do fumo... e o governo franquista!

Vivemos, assim, em constante regimen de *grève*. Ainda a dos estudantes não tocou o seu ultimo estadio, e já se annuncia a dos fumistas. E a par d'esta, mirando a outro alvo, mas manifestando-se com identica violencia, eis outra *grève*, bem mais surprehendente, por completamente inesperada: — a dos conselheiros de estado.

Eis o que nos trouxe o negregado mez de maio, durante o qual o firmamento se apresentou tão carregado, que nunca um astro só se viu brilhar nas alturas. E quem sabe se, ao regresso do bom tempo, os astronomicos conseguirão ainda encontrar lá, brilhantes como sempre, as estrellas do snr. Conde de Burnay e do snr. Conselheiro João Franco?

Quem poderá dizel-o? Que, afinal de contas, pouco nos interessa isso. Pouco ou quasi nada se nos dá que o snr. João Franco governe d'esta ou d'aquella fórma. Simplesmente, visto que sua excellencia representa hoje em Portugal o Omnipotente, nós ousamos pedir-lhe que faça dictadura, que nos prenda o pensamento, que nos tire a liberdade, — mas que mande o Inverno para Timor, e nos restitua a Primavera!

PERSONAGENS ILLUSTRES

EDUARDO AUGUSTO FERREIRA DA COSTA

Existencia cortada em plena maturidade, perdeu nelle o paiz um dos seus filhos mais prestimosos e dedicados. Eduardo Augusto Ferreira da Costa era um indefesso trabalhador, possuia uma intelligencia admiravelmente equilibrada, e dispunha da intrepidez calma dos capitães a quem nenhuma conjuntura difficil desnorteia; a sua vida passada illuminava-se num largo e rutilo sulco de honradez, o seu civismo era tão grande, tão puro e tão virtuosamente patriotico que todos o estimavam e respeitavam.

Oriundo d'uma familia de militares, valentes e honestos, Eduardo Costa obtivera, aos quarenta e dois annos, o posto de tenente-coronel no corpo dos serviços do estado-maior. Se foi a antiguidade que o elevou até ahi, cada uma das suas graduações representava uma conquista brilhante, depois de combates renhidos, na lucta pela existencia. Os serviços da sua especialidade em Portugal, antes de partir pela primeira vez para Africa, foram importantissimos e deixaram bem vinculados no exercito quanto valia o seu cerebro pujante.

O que elle realizou na campanha contra o Gungunhana mereceu-lhe o reconhecimento de todo o paiz. Foi a alma da columna expedicionaria, e o labor a que se dedicou em Inhambane e Lourenço Marques, antes do inicio das hostilidades, significa um prodigioso nevrosismo no cumprimento do dever. Percorreu todo o territorio onde as nossas tropas manobram mais tarde, traçou o plano da campanha, elaborou instrucções, preparou bases de abastecimentos, foi simultaneamente a

cabeça dirigente e o braço executor. Assistiu ao combate do Marracuene e foi um dos que com mais energia, e desprezando de todo a vida, concorreu para expulsar os negros de dentro do quadrado e reorganisa-lo. Em Coollela uma bala feriu-o na perna direita e no bombardeamento do *manjacaze* arriscou-se, a



MAJOR EDUARDO COSTA

se os vátuas pronunciassem um retorno offensivo, a ser feito em postas.

Acceitou o cargo de governador do districto de Moçambique em 1896. Na guerra con-

tra os namarraes commandava um pequeno troço de europeus, para castigar o gentio em Monapo. Nessa refrega salvou-o a elle e aos soldados que commandava o seu assombroso sangue frio e denodo, que augmentava á medida que as difficuldades se multiplicavam. Na retirada de Calapute e do Ibrahim foi um heroe.

Passou depois da vida accidentada do campo e das contingencias das escaramuças para outra mais tranquilla, mas não menos trabalhosa e fertil. Serviu na Companhia de Moçambique, desempenhou o cargo de secretario geral da nossa colonia da costa oriental, governou interinamente essa nossa possessão, fez sentir a sua sensata gerencia na adminis-

tração de Benguella e porfim assumiu o elevado cargo de primeiro magistrado de Angola, onde a morte o arrebatou violentamente, inesperadamente, no dia 1 de maio, depois de ter tudo preparado para bater os cuamatas, de lhe haver inflingido alguns revezes serios e de metter hombros a conjurar a crise economica que estiola a provincia.

Foi uma existencia preenchida toda em favor da patria, a quem tudo sacrificou, e da familia, que encontrou nelle o mais extremoso chefe. Paz á sua alma, que, qualidades como as d'elle, não as ha para desperdiçar, e merecem ser conservadas na memoria do nosso povo como reliquias sagradas.

HENRIQUE MITCHELL DE PAIVA COUCEIRO

Na pleiade de animos esforçados que Portugal tem canalizado para as colonias, um dos

mais integros, dos mais estudiosos, dos que mais culto sentem pelo brio, pela honra do paiz, dos que mais creem no futuro e maior somma de amor votam á sua patria, é incontestavelmente Henrique Couceiro. É uma alma antiga no corpo d'um funcionario moderno, o caracter dum semideus da mythologia grega encerrado na rija e solida estrutura d'um luctador da actualidade. Não que elle seja um hercules na significação athletica da palavra, mas porque é um forte no espirito, que nada torce, e nos musculos, que, chegado o momento, são como o aço do mais bem temperado.

Recuar é um verbo que não entra no dictionario de Henrique Couceiro; o perigo attrae-o como o sol um heliotropio. A sua existencia como official e como sertanejo é uma odisseia repleta de episodios homericos. A sua expedição ao Bihé em busca de Silva Porto e a campanha que depois se lhe seguiu; as operações na Africa Oriental, e nomeadamente os combates do Maracuene e de Magul; as numerosas commissões de caracter civil realizadas no interior de Angola; quinze annos de lide estrênuo em prol da



Capitão de artilheria HENRIQUE COUCEIRO

sciencia, da honra militar, dos altos estudos geographicos e de viação, outorgaram a Henrique Couceiro uma aureola de justificada celebridade, a estima e a admiração dos seus compatriotas.

Não é só como militar e como explorador que o intrépido official tem conquistado a posição culminante que presentemente occupa. Outros meritos de ordem intellectual e outros recursos do seu cultissimo cerebro o impuzeram á acção administrativa do governo. Henrique Couceiro é um escriptor primoroso, o seu estylo reflecte o seu temperamento: é profundo e nobre, altivo e espontaneo, puro e desassombrado. Lê constantemente, e, orientando o seu espirito para o exame e resolução dos complexos problemas coloniaes, possui hoje um vasto caudal de conhecimentos preciosos para a gerencia superior das nossas possessões ultramarinas.

Nomeou-o o poder executivo governador geral de Angola; vae substituir ali um camarada seu, muito habil e muito honesto, que a morte roubou prematuramente áquella provincia, para a qual era uma esperanza, e á metropole, que o contava no numero dos seus servidores mais dedicados. Henrique Couceiro conhece muito bem a região que vae gerir, cruzou-a em todos os sentidos, devassou-lhe todos os mysterios, apalpou-lhe todas as necessidades, conheceu de perto, ali, os homens e as coisas. Inteligente, ponderado nas circumstancias graves, simultaneamente energico e reflectido, incapaz de transigir seja com o que for que repugne á sua consciencia, ha de fazer um bom logar e deixar atrás de si um rasto vivo e perduravel da sua administração.



SERENATA

Azas dai-me, anjos dos ceus,
Ou descei-m'a aos braços meus.

J. P. RIBEIRO JUNIOR.



Acorda: á janella vem manso e de leve,
Estatua de neve; teu rosto mostrar,
Acorda, suspende teus sonhos infindos
D'amor os mais lindos, e vem-me escutar.

Vai placida a noite, formosa d'encantos,
E as ondas em prantos suspiram alli,
Vem, deixa o teu leito de sedas e arminho
E salta ao barquinho que espera por ti.

Iremos, bem juntos, nas limpidas aguas
Contar nossas maguas á espuma do mar,
E assim embalada por sonhos infindos
Os versos mais lindos eu te hei-de cantar.

E tu, virgem languida, ao som desta lyra,
Que geme e suspira quasi ebria d'amor,
Teus olhos em pranto na lua fitando,
Dirás murmurando: «sou tua, cantor».

E a frouxo a alva face vergando ao meu peito,
Como ora em teu leito virás repousar,
E assim embalada por sonhos infindos
Os versos mais lindos eu te hei-de cantar.

E a brisa heijando teus louros cabellos
Virá desprendê-los em raios de luz,
E a lua passando, cré vêr-te, sorrindo-se,
Um anjo carpindo-se aos pés d'uma cruz.

E eu ébrio d'amor, de ventura, de goso,
Em brando repouso hei-de est'harpa afinar,
E assim embalada por sonhos infindos
Os versos mais lindos eu te hei-de cantar.

Porto, 25 de Outubro de 1862.

Alexandre da Conceição.



ACHETEURS D'ENFANTS

Uma visita feita rapidamente a qualquer cidadezinha cheia de monumentos interessantissimos, como Poitiers, acaba por nos lançar exhaustos de todo sobre uma cadeira, um banco ou qualquer outro assento que nos appareça devoluto, após cinco ou seis horas de marchas e contra marchas por todos os cantos da cidade.

Escusado será dizer, porém, que isto acontece particularmente aos que, para satisfazerem o seu desejo de aprender e saber, contam mais com uma boa vontade auxiliada por alguma força muscular do que com as forças d'uma algibeira modesta e magra.

Assim me assentei eu pelo meio da tarde d'um dia d'Agosto de 1906, sêcco e quente como correu todo o verão d'aquelle anno, num dos bancos do pequeno *square* da Republica, situado não longe da Praça d'Armas, o coração e o cerebro da famosa cidade do Poitou.

Convem explicar a segunda d'aquellas qualificações.

É que na extremidade da praça e fazendo face ao palacio da Prefeitura bastante afastado ao fundo da larga avenida de Victor Hugo que d'ella irradia, erguia-se o elegante edificio do Hotel de Ville, estylo Renascença, com o seu elevadissimo torreão central — o *campanile* — e os pavilhões lateraes, lembrando tudo o Hotel de Ville de Paris.

E estes palacios, ou elles sejam a *Domus municipalis* coroada por um mono de granito, da qual nada sae que preste, ou o antigo Ho-

tel de Ville parisiense, d'onde em 92 sahiram as mais violentas moções contra a realza e se preparou o advento da primeira republica, traz-me sempre á lembrança aquellas corporações de cidadãos illustres que já antes de Cesar, e por isso mesmo antes do estabelecimento do regimen municipal romano no Occidente da Europa, se reuniam nas Galias para deliberarem sobre os negocios que mais interessavam á commuidade.

Deviam, pois, estar alli alguns cerebros, tanto mais que, sobre o tympano da fachada, se não erguia o supracitado mono de granito e nas bellas salas do rez-do-chão se continha um dos mais artisticos museus que se podem imaginar numa cidadezinha de 40:000 habitantes.

Não foi, porém, nessa ordem d'idéas que

se me occupou o espirito, ao sentar-me perto do monumento aos soldados *poitevins* sacrificados pelo segundo imperio na desastrosa campanha de 70-71. Esse monumento, com o seu commovente bronze — um soldado ferido, agonizando sobre um canhão desmontado e deixando resvalar a espingarda já inutil para a defesa da patria —, podia dirigir-m'o para os campos da historia onde a dureza dos factos tantas vezes o acabrunha e esmaga; podia evocar-me conhecimentos que já levava ao subir a pequena collina (145^m) que se coroa com a nobre cidade de Poitiers, dominando extensas planicies fartamente regadas por alguns rios, depois de a terem cingido completamente por um anel crystallino. Mas, em quanto des-



HOTEL DE VILLE DE POITIERS

cançava, entretive-me apenas a dar balanço aos meus novos conhecimentos, a lançar contas ao que adquirira talvez em seis horas de passeio através da cidade.

Detivera-me por bastante tempo no muzeu de Bellas Artes do Hotel de Ville. Era, como fica dito, uma apreciavel collecção de pinturas dos bons mestres classicos e tambem dos modernos, especialmente francezes, assim como a d'alguns objectos d'archeologia, bem naturaes numa terra com um passado historico tão importante, denotando tudo aquillo que a municipalidade de Poitiers não tem um mono de pedra a pesar-lhe em cima.

Conservo ainda na memoria um dos bellos quadros da escola moderna franceza, e que alli se pôde admirar. É o *Edipo e Antigone*, de Leon Bonnat, um pintor do qual algumas das telas primorosas de côr e naturalidade figuram naquelle thesouro artistico chamado o muzeu de Luxemburgo, em Paris. Talvez porque as admiraveis creações do theatro grego me impressionassem devéras, mormente depois que os artistas da *Comédie* me revelaram, a bem dizer, a sublimidade da sua belleza, a maneira pela qual Bonnat traduz na tela o vulto adoravel d'essa rapariga que personifica em toda a sua pureza e a piedade filial e fraterna, essa Antigone e esse Edipo que o genio de Sophocles illuminou de sempiterna luz, prenderam-me por bastante tempo na galeria do Hotel de Ville. Que deliciosa figura, a d'aquella donzella que sacrifica a sua juventude e as mais santas mas ainda ignotas alegrias do seu sexo — o amor e a maternidade — aos piedosos sentimentos, levados ao heroismo, que a fortalecem na conducção do velho cego através das solidões da Attica, elle esmagado pelo pezo da desdita, ella engrandecida pelo desempenho da sua missão sublime!

Alli, num banco do pequenino *square*, as copadas arvores que o sombreavam afiguravam-se-me os cedros e carvalhos do bosque sagrado das Eumenides, e as sombras d'aquelle recinto onde brincavam creanças, pareciam-me batidas por torrentes de luz d'infinita doçura que irradiava dos olhos da formosissima Antigone.

Imaginações de quem não tem muito que fazer, se bem que, recapitulando as minhas impressões do dia, os variadissimos monumentos architectonicos de que Poitiers se pôde orgulhar davam-me assumpto para largas reflexões.

O gothico, o romanico e a Renascença tinham alli admiraveis specimens, bastando citar no primeiro a cathedral (em reparação), no segundo a celebre igreja de Notre-Dame-la-Grande, e no terceiro diferentes casas particulares ou publicas como o *hotel Gaillard* e o *Prebostado*.

As grandes cathedraes gothicas são todas mais ou menos parecidas, produzem todas a



MONUMENTO DOS SOLDADOS DE VIENNA

mesma impressão mystica, á qual não é estranho, sem duvida, o esguio das fôrmas, o tenebroso dos recantos a que mal chega a claridade do dia coada pelos vidros polychromicos, a elevação extraordinaria das abobadas de nervuras, suspensas de tenues columnas. Teem por toda a parte a frieza do dogma e a expressão anhelante da idade medieva que as produziu. Esta de S. Pedro, offerecia uma particularidade curiosa: a de parecer muito maior do que realmente é. Fôra uma intenção do architecto, como se julgasse necessaria ainda mais esta illusão para o espirito fraco dos fieis que transpõem os umbraes do templo, convictos de que por alli entram na immensidade dos ceus.

É sabido que em perspectiva duas linhas ou dous planos paralelos offerecem a apparencia de linhas ou planos concorrentes, quando o ponto de vista se acha entre elles, na extremidade, obtendo-se assim um effeito de alongamento extraordinario, como se observa em ruas bem alinhadas e compridas cujas entradas ficam d'este modo aparentemente re-

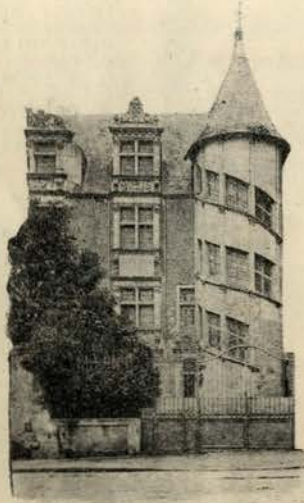
duzidas, ou ainda em largos corredores ou nos renques d'árvores d'uma avenida bem traçada, sempre á primeira vista mais longa do que na realidade é. O architecto de S. Pedro diminuiu mais d'um metro á largura das naves até á proximidade do côro, como verifiquei, tendo tambem para o effeito diminuido a altura da abobada, o que não verifiquei, é claro.

Mais estranho é, porém, passar d'um monumento de puro ogival para outro de estylo romanico. Deixam-se as fôrmas esveltas, o arrojio das construcções apparentemente instáveis, as delicadezas dos motivos decorativos as mais das vezes perdidos na sombra, o arco

quebrado ou ogiva, pelo arco pleno, pela sobriedade ornamental, pela solidez real e apparente da fabrica, pela fôrma talvez um pouco massiça e pezada do exterior.

Mas que bello exemplar aquelle de Notre-Dame-la-Grande, tão parecido com a cathedral d'Angoulême, mesmo com os seus torreões e cupulas bysantinos de tectos imbricados! Tudo alli é sincero e simples como a alma do architecto, talvez fradesco, que delineou a egreja. Não ha illusões; o artificio é banido da construcção, não o artificio na verdadeira acepção da palavra, porque esse lá está na esculptura burilada dos ornatos de que sobriamente foram decoradas algumas partes do monumento, mas o artificio-fingimento, o intuito de illudir, como fez o architecto da cathedral de S. Pedro.

Lembre-mos que a propagação do estylo romanico pela Europa foi devida aos cistercienses, e que S. Bernardo, o fundador da ordem, era uma alma pura e simples que procurou imprimir aos monumentos erguidos ao culto divino o caracter de solidez e pureza



HOTEL GAILLARD

que tinha a sua fé. Mas depois, na evolução da arte como na evolução religiosa, tudo foi mudando de aspecto. As fôrmas pezadas e sombrias attenuaram-se e como que se illuminaram de nova luz; o romanico cedeu ao gothico e este á renascença.

Essa mesma França que gerára ou desenvolvera os dous estylos caracteristicos da Edade-media, cobria-se agora de monumentos architectonicos publicos ou particulares em que se humanisa o culto divino e se divinisa o culto do bello.

Poitiers, se não tinha um palacio real de Blois a testemunhar que lhe não fôra estranho o movimento artistico tão fortemente impulsionado no seculo xvi por Francisco I, apresentava-me varios edificios da época e com a caracteristica do estylo, a *croisée* das janellas, dando a essas amplissimas aberturas por onde o ar e a luz, vida da natureza, iam alegrar a vida dos inquilinos, um aspecto tranquillizador de solidez e estabilidade.

O *hotel Gaillard*, não longe do palacio municipal, recordava-me essa maravilha da Renascença franceza bem conhecida de todos com o nome de Castello de Blois. Lá estava a mesma caixa da escada helicoidal em pavilhão saliente, vazada d'alto a baixo por uma serie de janellas obliquas, naquelle precedidas por admiraveis balcões, neste, porém, muito simplificados porque a bolsa d'um rico burguez engordada com os lucros do commercio não é ainda assim como a d'um monarcha, abarrotada com os dinheiros do *seu* povo, sangue dos vassallos, (Samuel, cap. VIII).

O palacio do Prebostado, que fôra igualmente uma residencia particular antes de ser occupado por aquelles celebres magistrados francezes, em cujo numero não figura por certo alli o do glorioso Etienne Marcel, o primeiro que tentou estabelecer o governo do povo pelo povo, é tambem um curioso edificio da Renascença com os seus lindos frontões sobre as janellas, ladeadas por torreões cylindricos de tectos pyramidaes.

Assim proseguiria no exame *in mente* do que já tinha visto até então em Poitiers, quando o encosto do banco em que estava sentado passou a servir de barra fixa para exercicios

gymnasticos d'uma galante pequerrucha de 4 ou 5 annos, muito divertida, segundo parecia, com o trabalho de furar por trás do banco e vir empoleirar-se naquelle encosto. Era *mignonne* e insinuante a pequena Henriette, com os cabellos alourados, a tez alvissima e os seus olhos azues de gauleza; não tinha esse ar *bravio* d'algumas creanças d'outros paizes e por isso e mesmo pela necessidade que sente, quem anda só por esse mundo, de conversar de quando em quando, com alguém sem ser com os seus botões, em breve estavamos nas melhores relações que se possam imaginar.

Mamã, não a podendo aturar em casa, mandara-a brincar allí para aquelle jardim que lhe ficava á porta.

Pelos modos Henriette era traquinas e uma doida; já naquella manhã tinha rebolado pela escada abaixo, assustando enormemente a mãesinha. Mas não fôra nada. E mostrava-me uma *negra* que fizera numa perna e lhe punha a lividez da sua mancha na alvura da cutis infantil. A cada objecção que lhe fazia, a cada conselho que paternalmente lhe dava era um tagarelhar só comparavel á chilreada dos pardaes provocada pela dos outros.

De repente a pequena que nesse momento estava sentada no encosto, tomou um aspecto grave, emmudeceu, escoou-se pelo espaço existente entre o assento e o espaldar do banco, e desapareceu.

Que mosca lhe morderia?

Fiquei a pensar na singularidade d'aquella despedida tanto á franceza, quando, passados momentos, num portal d'uma casa proxima, vi reaparecer a pequena que relanceou um olhar indagador para todos os lados, antes de vir novamente para junto de mim.

— Que te aconteceu, Henriette? Porque fugiste d'aqui ainda agora? — perguntei-lhe affectuosamente.

— Pois não viu?! Era elle, o *achateur d'enfants!*

E dizia-o com ar apavorado e mysterioso, chegando-se para mim, como se o Papão

perpassasse de novo deante dos seus lindos olhos.

O *acheteur d'enfants*, o *compra-chicos*, que Victor Hugo tão terrificamente descreveu no *Homme qui rit*, era pois uma realidade?!

Henriette vira-o. Experimentara todo o horror que elle deve produzir nas almas pueris. Em vão procuraria socegá-la.

A acção destruidora d'estas lendas pavorosas manifestava-se-me bem claramente na gentil pequerrucha, a quem a mãe, a *bonne*, ou quem quer que acompanhava o desenvolvimento d'aquelle espirito infantil, a sua eclosão para a luz, para as fortes virtudes que é necessario ter na vida, ia enchendo de temor, dos chimericos receios de papões e outros phantasmas por igual nocivos.

Ella já não poderia ser uma Joanna Hachette, uma Carlota Corday, uma Pucelle d'Orleans; poderia ser uma Soubeyrous para as vizões mysticas de Virgens sorridentes, para o histerismo de Lourdes ou de La Salette.

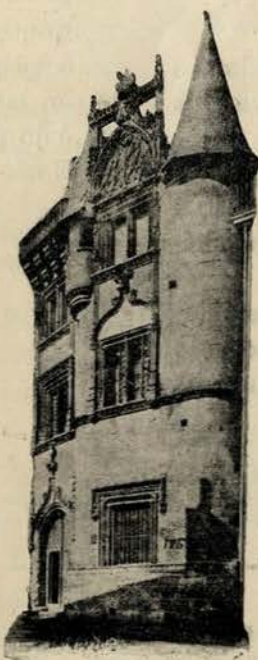
Aquelle terror semeado no espirito da creança tinha de ser o caminho para os chimericos terrores das causas do inferno e outros regalos da vida eterna, como lhe ensinariam depois as boas *soeurs* e mais delegados da Companhia.

— Olhe, elle ahi vem, elle ahi vem! — disse surdamente a pequena, dando-me com o cotovello.

Olhei para a rua que ladeava o *square*.

Um pobre velho, mendigo, talvez, bastante andrajoso e tropego, com um sacco de linhagem ao hombro e apegado a um cajado, seguia pela valeta.

Occorreu-me a idéa de o chamar, dar-lhe alguns *sous* e fazê-lo conversar um pouco comnosco, aproximar aquelle crepusculo triste d'aquella aurora ridente, desfazer no espirito da creança as sombras do terror com aquella sombra da vida, aproximação d'onde por certo iriam irradiar alegrias; porque a velhice e a infancia, os dous polos da vida, attrahem-se



HOTEL DO PREBOSTADO

como as forças naturaes emanadas dos dous polos oppostos d'um magnete; porque a alma d'um velho e a d'uma creança fundem-se, ligam-se muitas vezes numa unica, como o perfume de duas flôres no mesmo ramilhete.

Dissipar-se-hia assim o terror lançado nas almas infantis tanto em França, via-o, como em outros paizes menos cultos, pelos que lidam com as creanças nos seus primeiros annos, numa quadra em que esses espiritos teem como que a plasticidade da argilla para se amoldarem ás mais abstrusas concepções?

Creio que não.

Aquillo fica exactamente como todos os defeitos do berço: acompanhará a victima até á cova.

Vão procurar o motivo por que tantas pessoas adultas se acham mal na escuridão e no ermo, e vê-los-hão povoados das indefinidas visões da infancia.

O — Deus a ralhar — da credula meninice conserva quasi a mesma benefica entonação ainda depois que a Physica ensina a natureza

e a causa d'esses ruidosos phenomenos electricos.

O Papão, o homem do sacco, o *compranijos*, aquelle *acheteur d'infants* do square da Republica, em Poitiers, devia ser sempre pavoroso, embora eu mostrasse a Henriette que dentro do sacco terrivel não havia senão alguma codea resequida, no coração do velho mendigo senão os ternos sentimentos que a velhice tem para a infancia, e na sua alma os pallidos sorrisos d'uma vida que se finava na indigencia.

Era, comtudo, meu intento fazê-lo.

A pequena, porém, tomada do primitivo terror, largou numa carreira douda para casa, em cujo portal desapareceu.

E não a tornei a vêr.

(Do livro inedito *Em casa e por fóra.*)

FRANCISCO BRAGA.

Medicina de urgencia

O SARAMPO

Após a gripe, eis que outra epidemia nos apparece, ameaçando a saude dos nossos filhos: O sarampo, que tem grassado intensamente de ha um mez a esta parte.

O sarampo é uma febre eruptiva, caracterizada pela apparição de um exanthema, que dispensa descripção, tão trivial e conhecido elle é.

E, por isso mesmo que elle é frequente, e lavra no paiz endemicamente, sendo rara a

creança que escapa ao seu ataque, acontece que a grande maioria do publico chega quasi a julgar que a invasão sarampora constitue parte integrante e fatal da evolução das primeiras edades. Ainda mais: Muita gente imagina que o sarampo é uma doença essencialmente benigna, tão pouco importante que não merece as honras de um tratamento medico.

E' um erro, e grave. Porque se, em regra geral, o sarampo evolue benignamente, épocas

ha em que elle se apresenta sob uma fórma mortifera, arrastando complicações que não raro acabam por roubar o pequeno doente ao amor dos seus.

E' de uso dividir a evolução do sarampo em *quatro periodos*.

No 1.º — *incubação* — que dura uma semana, é raro que quaesquer symptomas pathologicos chamem a attenção, se bem que por vezes acontece que já neste periodo se nota uma certa elevação de temperatura. Acontece ainda frequentemente encontrar-se, rebuscando bem, na bocca do doente uma subefação especial, que é um bello signal de diagnostico precoce.

No 2.º periodo — *invasão* — estabelece-se a inflammação catarrhal das mucosas do aparelho respiratorio e dos olhos, traduzindo-se por tosse, rouquidão, e conjunctivite. A temperatura eleva-se, e por vezes os ganglios do pescoço tumefazem-se.

Ao fim de 3 a 4 dias entra-se no 3.º periodo, chamado da — *erupção*. E' então que o exanthema apparece, começando pela face, invadindo em seguida o pescoço, o tronco e os membros.

Por ultimo, o erythema entra de attenuar-se, a tosse torna-se menos frequente e mais livre, e a pelle começa a descarnar, em granulações miudas, que lembram o pó de enxofre.

E' o do periodo 4.º *descarnação* — que põe termo á evolução da doença.

Se o sarampo evolucionou benignamente, se do lado do aparelho respiratorio não houve modificações alarmantes, se a temperatura se não elevou demasiado, nesse caso bastará agasalhar

bem o doente, dando-lhe a beber tisanas caseiras estimulantes, taes como o chá de laranjeira, borragem, ou tilia, bem quentes. Mas diga-se desde já que por agasalhar o doente se não entende a pratica tão usual e tão mal entendida de calafetar portas e janellas, na ideia de que o ar renovado obsta á erupção do sarampo. Pelo contrario, o doente deve ser collocado num quarto vasto e bem arejado. A unica precaução a tomar é que correntes de ar muito frio não incidam sobre o leito.

Se, ainda assim, se notar que a erupção se estabelece morosamente, convem auxilia-la com a seguinte porção :

Acetato de amoniaco	10	gramas
Xarope de tolu	} ãa.	30 »
Xarope de capillaria		
Agua de tilia	100	»

Ás colheres de sopa, de 2 em 2 horas.

Depois d'isto, é preciso vigiar cuidadosamente a marcha da doença. Se a sua evolução se vae fazendo segundo o typo normal, tornam-se desnecessarios mais medicamentos.

Convem comtudo não esquecer que ha *sarampos anormais*, entre os quaes se reveste de especial gravidade o *hemorrhagico*, caracterizado pela apparição de manchas escuras e pela tendencia para as hemorrhagias; e ainda que varias complicações podem surgir, como sejam a bronchite, a pneumonia, a enterite, a gangrena da boca, e — a peor de todas, tantas vezes associada ao sarampo — o garrotilho.

Para casos d'estes não se podem dar conselhos geraes, visto que o tratamento terá de variar de acordo com o desenrolar do cortejo symptomatico. A partir d'este momento impõe-se a presença do facultativo.

Dr. Looch.

GAZETILHA

I

Quem disser que vou indo menos mal
não me faz, afinal, grande favor,
mas é bom que me chamem *Escriptor*
visto que boto versos num jornal.

E vou ter *pose* a menos de real,
e vou pedir, ao nosso Director,
um vidro para o olho : tal e qual
como um ginja, um artista ou um doutor.

Eu quero abalançar-me a sacrificios,
ser um martyr mettido na baralha,
eu quero perder noites e ter vicios.

Vou desancar os nullos e a gentalha,
vou fingir um talento d'artificios,
vou mostrar como o *phosphoro* trabalha.

II

Com um grande monoculo apontado
ao povo inferior, que vae passando,
hei de sorrir tambem, de quando em quando
com um sorriso pifio e safado.

Quero ter um duello simulado
e tipoias esquivas galopando,
e com actas, pistolas e um bando
de pessoal ridiculo e encravado.

Hei de ir, com ar valente e temerario,
correr da sorte aos saltos e baldões,
entregar-me ao destino tolo e vario,

e, com o corpo livre de arranhões,
hei de estender a mão ao adversario,
pedindo que me empreste dez tostões.

III

Quero ter nome, quero ser um alho
no mundo do intellecto e da gazeta,
não dar satisfações, levar galheta
que me ponha esta cara num frangalho.

Ter nome! Levar doses de chanfalho
mas largando, ao povinho, muita treta :
ir p'ra Timor, levar uma grilheta
contente como um gato com chocalho.

Um dia uma querella há de chegar,
(pagodinho de que eu me não despeço)
mas a desillusão é de escachar :

Dinheirinho não ha, que sou de gesso,
e o Gabinete Negro ha de gramar
com as custas e sellos do processo.

Maio, 1907.

SIMPLORIO.



O JOÃO PEQUENINO

Era uma vez um lenhador que tinha sete filhos pequeninos; o mais novo de sete annos incompletos e o mais velho ainda não contava dez. A fortuna nunca lhes entrára em casa e o pobre lenhador não ganhava o sufficiente para a subsistencia de tão numerosa familia, tanto mais que nenhum dos filhos o podia ajudar ainda.

Um dos rapazitos, o mais calado de todos e todavia o mais esperto, tão pequeno, tão pequeno, que lhe puzeram o nome de João Pequenino, era o bode-expiatorio das iras dos paes, que não podiam ver com bons olhos o eterno silencio em que elle se abysmava.

Ora como houvesse um anno de uma tão grande carestia que os mais ricos se viram obrigados a ir de porta em porta pedir um pedaço de pão para matar a fome, um dia que os filhos já estavam deitados, o lenhador disse á mulher:

— Bem vêes, minha bôa Maria, que não podemos por mais tempo sustentar os nossos filhos, e resolvi abandonal-os na floresta, antes que a fome os torture e eu seja obrigado a assistir ao doloroso espectaculo da sua morte. E depois — quem sabe? — Deus é pae e talvez haja uma alma bem faseja que lhes dê agazalho e pão.

A mãe não queria consentir, mas como o marido lhe fizesse vêr a miseria em que estavam e a morte que irremediavelmente esperava as sete creanças, concordou com um suspiro e toda a noite chorou.

O João Pequenino, que tinha ouvido o dia-

logo escondido atrás d'uma grande arca, não pôs olho toda a santa noite, a pensar no caso, e mal nasceu o sol, levantou-se, foi á beira d'um regato que corria proximo da casa, e enchendo os bolsos de seixos, voltou a metter-se na cama. D'ahi a pouco o pae fêl-os erguer e seguido pela mulher, que mal podia esconder o pranto, levou-os para o mais denso da floresta, pôz-se a rachar lenha emquanto que os filhos iam e



Agarra um pelo cachaço...

vinham, occupados a apanhar pinhas para o fogão. Vendo-os entretidos, o rachador de lenha fez signal á mulher e afastaram-se insensivelmente, sem que os filhos dessem fé de tal. Mal

os pequenos se viram abandonados, desataram a gritar com todas as forças e o João Pequenino deixou-os chorar á vontade, na certeza de saber o caminho para casa, pois fôra semeando na ida para o bosque os seixos que lhe enchiam as algibeiras. D'ahi a pouco o João Pequenino tranquillizou-os dizendo-lhes que os ia levar immediatamente para casa, e assim foi: Era lusco-fusco quando estavam ao pé do velho casebre do lenhador.

— Não entrêmos, disse elle então. E' melhor esperar aqui e escutar o que os nossos paes dizem!

Ora estes, mal tinham chegado a casa quando veio o creado d'um fidalgo proximo trazer-lhes da parte do seu senhor dez escudos que ha muito devia e que os desgraçados já tinham perdido a esperança de reaver; como já ha muito tempo não sabiam o que era comêr,



João Pequenino aproveitando o somno do Papão roubou-lhes as botas de sete leguas

o lenhador mandou comprar carne que chegava para dez e dêram um alegrão ao estomago.

Quando saciados, disse a mulher ao marido: — Ai de nós! Onde estarão agora os pequenitos? Cheios de fome e de frio, emquanto que nós têmos com que matar a fome durante muitos dias! Meus pobres filhos! O que será feito d'elles? Quem sabe se morreriam de frio e fome, ou devorados pelos lobos!

Pronunciou estas palavras em voz tão alta que os pequenos ouviram e abrindo a porta fo-

ram cahir nos braços dos paes que choravam de alegria, exclamando:

— Aqui estamos! Aqui estamos!

Foi tão grande o contentamento d'aquella pobre gente que, dentro em breve, os dez escudos desappareceram e a miseria batendo outra vez á porta, resolveram de novo abandonar os filhos no bosque, mas tão longe que nunca mais pudessem voltar. João Pequenino, que desde a primeira tentativa de abandono, nunca mais adormecêra socegado, adivinhou o intento e de madrugada tentou sahir, para encher de novo os bolsos com os seixos brancos do regato. D'esta feita, a porta estava fechada á chave e o nosso João teve de perder a esperança. Ao almoço porém, dando a mãe a cada um, um pedaço de borôa secca, lembrou-se elle de ir espalhando migalhas de pão que lhe indicassem o caminho, na volta. Os paes então embrenharam-se com os pequenos no mais espesso da floresta e trataram de fugir por um caminho de cabras que alli existia.

O João Pequenino não se affligiu, na mira de seguir o caminho indicado pelas migalhas de pão que fôra semeando. Infelizmente as suas esperanças morreram dentro em pouco, porque, por mais que procurasse, não encontrou uma só migalha; os passarinhos tinham-as levado.

Tristes como a morte puzeram-se a caminho, cheios de fome e a tiritar com frio e como vissem ao longe uma luzinha, foram andando, andando até darem com a casa. Bateram á porta.

— Truz truz!

— Quem é? perguntou dentro uma voz de mulher.

— Sete creanças perdidas na floresta e que pedem agazalho até amanhã.

A mulher abriu a porta e vendo os pequenitos, pôz-se a chorar e a dizer:

— Ai meus meninos, que sorte a vossa! A que porta viêsteis bater! Não sabeis que nesta casa mora um papão que come todos os meninos que encontra na floresta?

— Valha-nos Deus! respondeu João Pequenino, tremendo de mêdo. Deixe-nos ficar até amanhã ahi num cantinho, que nós prommettêmos sahir cêdo d'aqui. E se o tal senhor papão nos comer, paciencia! Na floresta tambem os lobos nos devoravam e eu tenho fé que se a

senhora lhe pedir muito, elle terá piedade de nós!

A mulher do Papão, commovida, deixou-os entrar, e depois de lhes matar a fome ia tratar de os deitar, quando batem á porta. Afflicta, por que era o papão, escondeu-os debaixo da cama e foi abrir a porta. Mal entrou, o patife soltou um grito de alegria:

—Hein! Cheira-me a carne fresca!

—Naturalmente é aquella vitela que está a assar no espêto!

—Não! E' cheiro a carne humana! Não me enganas, minha flôr! Dizendo estas palavras foi direito á cama e tirou para fora os sete pequenos, aterrorisados. Que te disse eu, minha mentirosa? O meu nariz não me engana! Agarrou um pelo cachazo, emquanto que o João Pequeninó e os outros cinco, imploravam piedade em altos gritos, e empunhando uma grande faca, ia dar cabo do desgraçado, quando a mulher lhe diz:

—Que queres fazer, homem? Julgas que estou para cosinhar a esta hora? Era o que me faltava! Deixa isso para o almoço e prometto guizal-os com ervilhas, como tu gostas!

Para agora tens alli tres carneiros, duas vitellas e um pôrco, e isso basta!

O Papão reflectiu e acabou por concordar. —Vai deital-os e amanhã falaremos. Foi o que a mulher quiz ouvir.

Agarrou nos pequenos e foi deital-os no quarto, uma enorme sala onde numa cama dormiam as sete filhas do Papão.

—Até amanhã, queridinhos, disse ella ao deital-os. Dormi bem, que é esta a vossa ultima noite. Eu bem vos não queria dar agazalho, a culpa é vossa. Não tardará muito que o Papão vos degole.

Apenas sahira, João Pequeninino vendo a situação em que se encontravam e reparando que as filhas do Papão tinham na cabeça, todas ellas, uma pequena corôa d'oiro, teve uma ideia que lhe pareceu salvadôra. Rapido como o relampago, arrancou-lhes a corôa e depois de as collocar na cabeça dos irmãos, mettu-se na cama e adormeceu tranquillamente. Eram duas horas da manhã quando o Papão, meio embriagado, entrou no quarto, armado de um enorme alfange e como estava escuro e os vapôres do

vinho lhe turvassem a vista, dirigiu-se cambaleando para a cama onde os rapazitos dormiam a somno solto. Com receio de um engano que neste caso lhe seria fatal, o Papão estendeu a mão e encontrou as corôas que o João Pequeninino roubára ás filhas d'aquelle mau homem.

—Demonio! exclamou elle. Ia-a fazendo bonita, sim senhor! Degolava as minhas filhas e os outros ficavam a rir-se!

E cada vez mais enfurecido, encaminhou-se para o leito das proprias filhas e resmungando uma praga, d'um golpe decepou a cabeça das sete raparigas. Depois, muito contente do crime que praticára, foi deitar-se de novo.

Apenas o nosso João Pequeninino, que despertára com a entrada do Papão, acordou, chamou os irmãos, e sem esperar que o dia rompêsse, saltaram pela janella para o jardim, escapuliram-se por entre as grades e deitaram a corrêr desesperadamente.

*

Quando o Papão despertou e, dirigindo-se ao quarto, deparou com as filhas degoladas por suas proprias mãos, quasi que enlouqueceu.

—Patifes! Tratantes! Miseraveis! rugiu elle arrancando um punhado de cabellos. E voltando-se para a mulher, que, para a enorme dôr que a despedaçava, já encontrava allivio nas lagrimas, pediu com uma voz que mais parecia um trovão:

—As minhas botas de sete leguas, depressa! Quero apanhar esses mariolas!

Mal calçou as botas, pôz-se a caminho, e depois de muito andar, cheio de fadiga (porque as botas de sete leguas cançam extraordinariamente) foi sentar-se num rochedo e alli adormeceu.

Ora numa concavidade d'esse rochedo estava escondido o nosso João Pequeninino e os seus seis irmãos, e mal o Papão adormeceu, o esperto rapazito, fazendo das tripas coração, disse aos outros:

—Ide-vos embora. Segui este caminho que vae dar a casa do nosso pae, que eu lá irei ter convôscos dentro em breve.

Ôs pequenos, pé ante pé, para que o Papão não accordasse, abandonaram o irmão e este, depois de pedir a Nosso Senhor coragem, tirou

muito devagarinho as botas de sete leguas que o feiteiro trazia e, calçando-as, em dois passos encontrou-se á porta da casa do Papão.

— Vosso marido, disse elle á mulher do fei-



João Pequenino na cõrte, entre fidalgos

ticeiro, está em perigo, porque foi assaltado no caminho por uma quadrilha de ladrões que juraram matal-o se elle lhes não desse todo o oiro que possuía.

No instante em que elles lhe diziam isto, o

vosso marido viu-me e, dando-me as suas botas de sete leguas, encarregou-me d'este recado.

A pobre mulher, lavada em lagrimas, foi buscar dentro todo o dinheiro que o Papão possuía e entregou-o ao nosso João Pequenino, sem hesitar. Então o herce do nosso conto, dirigiu-se todo contente para a casa paterna, onde foi recebido festivamente pelos paes que, desde o dia do abandono não faziam senão chorar.

Com o dinheiro do Papão mandou construir uma casa longe d'alli e sempre com os pés mettidos nas botas de sete leguas, offereceu os seus serviços ao rei como correio, ganhando dentro em poucos annos uma fortuna, graças ás suas botas maravilhosas, que lhe permittiam fazer caminhadas enormes num minuto.

Em conclusão: João Pequenino foi feliz e como num dia de batalha salvasse o exercito d'uma derrota inevitavel, prevenindo-o em dois segundos do inimigo que encontrára a vinte leguas d'alli, foi condecorado, nomeado moço fidalgo e veio mais tarde a casar-se — dizem — com uma princeza que o fez muito feliz e muitas vezes pae.

MANEIRAS DE VÊR

AS RECLAMAÇÕES DOS ESTUDANTES

Apesar da tardia promulgação do subtil decreto de 22 de maio, a attitude dos academicos portuguezes, mantem-se inalteravel.

Briosa classe. Animada pelo nobre sentimento da mais perfeita solidariedade, conserva-se firme e serena na sua resolução, pedindo absolvição das penas impostas a sete dos seus companheiros de trabalhos escolares, e reclamando contra as archaicas fórmulas d'ensino que ainda prevalecem na Universidade. O seu pedido é attendivel, a sua reclamação é justissima.

Almas aquecidas e esclarecidas aos clarões ardentes da liberdade e da sciencia, corações generosos, nos quaes estuam frementes os commettimentos e dedicações mais alevantadas, os academicos, são no meio da nossa enorme deca-

dencia politica e pusillanimidade civica, os sinceros e fervorosos apóstolos da ideia nova.

Todavia, como seriam para nós grandemente sympathicas e venerandas as suas exigencias sobre ensino, se ellas abrangessem alguma coisa mais do que a restricta instinção dos byzantinismos universitarios?!

Nesta idade, em que se proclamam as grandes reivindicações e num paiz onde se restringe o numero de padarias e se faculta larga expansão ao estabelecimento das tavernas, o ensino, tal como se acha organizado na sua ministração, impede d'uma maneira brutal o desenvolvimento e aproveitamento das condições intellectuaes de cada um.

As leis que regulam a distribuição da ins-

tracção, separam distinctamente em duas, as classes da sociedade — sabios e ignorantes. A desharmonia d'essas leis, parece visar unica e premeditadamente a favorecer o egoismo desmedido dos grandes e velhacos em detrimento e subjugação dos pequenos e simples. Como todas as riquezas, a instrucção é arrogada e explorada pelas classes privilegiadas. E todavia tal facto constitue um dos mais revoltantes attentados contra a legitimidade de naturaes attributos.

Se a intelligencia, a faculdade de bem comprehender, originada na cavação funda das circumvoluções cerebraes, é um predicado natural que se não conquista, tal graça, como cousa valiosa, deveria ser dirigida e auxiliada no sentido do seu maximo aperfeiçoamento, do qual poderiam resultar apreciaveis beneficios em proveito da sociedade. Porém o individuo assim fadado, embora possua uma poderosa mentalidade e raro engenho, se é pobre e humilde, morrerá, isolado, inutilizado, esquecido, porque a necessidade, destroe-lhe tiranicamente todos os desejos e tentativas d'estudo, todas as aspirações de affirmação da sua intellectualidade.

Talvez vejamos estrabicamente, mas a nosso ver, não são os descendentes das classes grandemente abastadas os dotados de maior talento, não obstante esta opinião brigar flagrantemente com as asseverações de variados physiologos de origem tão honesta como humilissima. Nas classes pobres e medias, proclamam abalisados craniologistas, é d'onde surgem as melhores vocações, os mais atilados e penetrantes espiritos, demonstrado pela volumosa configuração e capacidade craneana.

Carissima como é a instrucção superior e organisada como está sob as regras inflexiveis do egoismo classico, o individuo, por mais devotado que seja ao estudo, lucha com a insuperavel falta de recursos para occorrer ás indispensaveis despezas, vendo assim desfeitos todos os seus ideaes, tendencias e aspirações, que realisadas poderiam tornar o seu nome venerado.

D'este facto resulta que muitos individuos com admiraveis aptidões para determinados ramos, de sciencias ou artes, e que encaminhados na corrente das suas inclinações poderiam ter brilhantes affirmações mentaes, são forçados pela carencia absoluta de meios a vender parcial-

mente essas aptidões — intelligencia, energia perseverança e até a honestidade, sem nunca conseguirem provar e valorisar a sua real habilidade.

Não acontece, porém, assim áquelles que pertencem ás classes havidas como superiores, em fortuna, e, consequentemente, em supremacia social. Póde um sujeito ser caracterizado por uma positiva deficiencia de engenho, ser até um excellente exemplar de microcephalia, isso pouco importa; elle pelas suas condições mesologicas consegue sem esforço um logar de destaque para o exercicio do qual nunca manifestou a menor propensão.

Entre as familias dos grandes determina-se geralmente ainda na infancia dos filhos as carreiras que elles hão de seguir attingindo as precisas edades. Assim, o *tonéquinha* hade ser engenheiro; o *manéquinha*, esse, segue a magistratura para um dia ficar com o lugar do tio desembargador, que já está velho; o *xixinho*, como é mais franzino do corpo, arranja a carta de bacharel em philosophia e depois a mana consulesa fal-o deputado e vae subindo, vae subindo até ministro. E tudo se arranja porque o empenho supprirá o entendimento.

Como consequencia d'esta ordem de coisas o que succede? Vermos medicos modestos e obscuros, que, orientados na sua inclinação, dariam gloriosos artistas, e artistas que dariam abalisadissimos medicos; engenheiros que seriam excellentes tanoeiros, e tanoeiros que seriam afamados engenheiros; juizes que seriam apreciados lavradores e lavradores que seriam respeitabilissimos juizes; politicos que dariam uns regulares carpinteiros, e carpinteiros que seriam eminentes estadistas, economistas e financeiros, dedicando o seu bello talento ao engrandecimento e civilização da patria.

Ora, como somos adoradores do progresso e da liberdade, sabemos que só um povo bem instruido póde considerar-se livre. E eis por que a nosso ver são justissimas e dignas de aceitação as reclamações da magnanima classe academica, porque pouco, muito pouco ella exige por emquanto, aos respeitabilissimos senhores do governo!

NOTAS D'ARTE

I — A EXPOSIÇÃO DE CERAMICA DE BORDALLO PINHEIRO NA SOCIEDADE DE BELLAS ARTES

Respeitosamente e reverentemente me cumpria antes de me occupar dos trabalhos expostos na exposição de ceramica, traçar o perfil artistico d'essa figura sublime de Raphael Bordallo Pinheiro! Mas, na insignificancia do meu ser litterario, faltam-me aptidões para hombrear com emprêsa de tão alto valor, de tão grande responsabilidade. No entanto não quero passar immediatamente a dizer-vos a impressão que me ficou d'esse bello certamen, sem primeiro depor no limiar a minha palma engrinaldada de saudades, como sentida expressão de muita admiração, muito respeito e muita consideração pelo inegalavel caricaturista, esplendido artista e delicado ceramista! Por isso tal como sei, e tal quanto as minhas forças o permitem, vou escrevendo o que sae espontaneamente dos bicos da minha penna, e que se não é o que esse verdadeiro e inolvidavel artista merece, é no entanto a expressão sincera d'admiração e estima que eu lhe votava.

Travei relações com Bordallo, por occasião da exposição de ceramica realisada no Palacio de Cristal, e organizada pelo Instituto de Estudos e Conferencias, numa das vezes que a essa exposição fui, para dispor, nas vitrines, a minha colleção de potes de Pharmacia e antigas louças nacionaes. Aproximamo-nos pela apresentação d'um amigo commum, e alli, numa conversa adoravel por parte de Bordallo, eu tive a confirmação immediata e irresponsivel de que elle era um conversador magnifico, contando com uma graça sem igual, fazendo critica subtil, e anedotisando continuamente a conversa com um chiste e uma graça unica. Depois, d'ahi para o futuro, eu que já o admirava como um caricaturista superiormente grande, fui a pouco e pouco absorvendo e coordenando no meu espirito diversas manifestações que elle dia a dia nos apresentava, do seu fino e delicado espirito, e quando elle se deixou adormecer para sempre no regaço frio da morte eu tinha por elle uma verdadeira adoração.

R. Bordallo Pinheiro, era um ramo glorioso e florescente d'essa arvore genealogica de artistas, cujo tronco foi o venerando e respeitavel Manoel Maria Bordallo Prostes Pinheiro, pae de Bordallo, um bello pintor de quadros de genero e de tal mereci-

mento, que o duque de Palmella o encarregou de ir, seu commissionado, copiar a Hespanha a grandiosa obra de Velasquez. Assim era o seu saber e a sua competencia artistica.

Teve Raphael Bordallo Pinheiro, como todos os genios, uma vida muito acidentada e voluvel. Ten-



BORDALLO PINHEIRO

tou a arte e a litteratura por muitos e diversos modos. Começando por ser actor-amador e terminando por ser ceramista e esculptor; não fugindo ao fado a que estão votados todos os bons portu-guezes — ser empregado publico.



Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro e a exposição de Faianças

Mas, a sua grande vocação e a sua verdadeira paixão era o jornalismo, e ahí, nas muitas e scintilantes gazetas, revistas e pamphletos que publicou,

grande fabrica de louça d'arte, nas Caldas da Rainha e assim, de progresso em progresso, chegou ás mais brilhantes creações e ás mais nitidas fornadas.

E desde o *potiche* pequeno e simples de um verde raiado de cinzento e castanho, até ás grandes jarras Manuelina e Beethoven; desde as figurinhas *mignones* de costumes portuguezes, como a varina, o vareiro, a lavadeira, o campino, etc., etc. até ás sublimes e impolgentes figuras para as capelas do Bussaco; desde o pequeno busto do Zé Povinho até aos bellos bustos do Dr. Souza Martins e Eça de Queiroz, em todos brilha como num reflexo de pleno sol o talento de Bordallo!

E assim, ao entrarmos nos salões da sociedade de Bellas Artes, onde a mão carinhosa de Manuel Gustavo dispoz com todo o amor a obra genial de seu pae e mestre, eu descobri-me respeitosa, como quando se entra num templo, e mentalmente dirigi ao espirito que tudo aquillo concebera, a minha oração sincera de muita adoração e estima. E tomado do melhor desejo de ver bem, passei em revista respeitosa aquellas quatro salas onde se espalhavam como num intimo museu, algumas das mais delicadas e mais notadas obras do grande artista.

Inumeral-as seria preencher esta magazine com essa resenha; por isso não o farei, simplesmente publicarei aqui algumas gravuras, que melhor do que eu vos dirão o que são essas



PRATO COM GAIO E ERVILHAS

espalhou exuberantemente, caudalosamente, milhares de verdadeiras obras d'arte e assim espadanante de verve e mordente de ironia, elle traçou maravilhas de desenho fino e sublime Folheto.

Calcanhar d'Aquilles, (1870) Proverbios e anexins (1875) Apontamentos sobre a Viagem á Europa, do Imperador do Brazil (1872) Historia tragica d'uma empreza lyrica (1873) — e nos jornaes—Binoculo (1870)—Berlinda (1871) Lanterna magica (1874) Besouro (1877) Mosquito (1879) Pst (1879) Antonio Maria (1879) Album de glorias (1880) Pontos nos ii. E por ultimo — na Parodia. (1890) Fez inegavelmente, no modo de se fazer a caricatura, uma revolução. E, grande como nenhum outro, não encontrou nunca nenhum, que, como caricaturista, lhe lançasse agua ás mãos e até agora mesmo nenhum pôde sequer pôr-se ao lado d'elle. Porque elle era um grande, um superior artista.

Um dia Bordallo, instigado por uma conversa que com elle tivera o Rei-Artista, o Senhor D. Fernando, tentou a ceramica, e num desejo de fazer reviver a faiança nacional, creando novos modelos e aperfeiçoando os antigos assumptos caldenses, tenta esse genero de arte e como inicio fez coser um prato, com um trabalho seu, uma pintura simples, com uma figura de mulher de guarda-sol aberto levemente aguarellada. Depois a mais e mais se foi dedicando, até que numa onda de boa vontade o lançou a montar uma



PRATO COM REDE E MARISCO

obras. Em toda a distribuição via-se claramente a mão delicada do artista que a tinha feito.

Na primeira sala estavam dispostos pelas paredes, desenhos, aguarellas e copias lytographicas de

magníficos trabalhos de Bordallo. Entre esses, para notar as caricaturas, verdadeiros *retratos-troça* ou como os francezes lhe chamam *portrait-charge*, dos nossos actores celebres, que são uma verdadeira obra prima.

Em duas vitrines, os primeiros e ultimos trabalhos em ceramica executados por o grande mestre, e os albuns, os jornaes, as revistas, os folhetos onde elle espalhou as fulgurações do seu talento. Entre



MODELO DE CENTRO RENASCENÇA
PROPRIEDADE DO EX.^{mo} SNR. LUIZ FERNANDES

as janellas, num maciço de verdura um enorme caracol em faiança vidrada.

Logo a seguir na sala nobre, chamada tambem a sala das festas, espalhados pelas paredes, magníficos retratos de Bordallo, destacando como uma gloriosa mancha d'Arte o soberbo retrato executado por Columbano, esse grande pintor portuguez, irmão do retratado! Outros mais, pintados, aguarellados ou desenhados por collegas d'elle, de nome. E assim vemo-l'os alli assignados por Cazanova, Roque Gameiro, Emilio Sala, Franco e pelo grande pintor americano John Sarjent.

Pelos espaços que deixam estes retratos, pratos decorativos finamente modelados e executados, verdadeiras creações na arte de ceramica.

Entre os retratos desenhados por Sarjent uma missula e seu badalquim, onde a *menino e moça* pousa a sua figura gentil de santa pureza, deliciosamente. Sobre tripés, colunas e outros suportes pousam os elegantes jarrões e as figuras de gallos e de gallinhas. Ao centro, um formosissimo peru, peça digna de um muzeu, e que pertence ao meu amigo o Dr. Jacintho de Magalhães, um colleccionador d'arte doublé de entendedor.

Os bustos do Dr. Sousa Martins, Eça de Queiroz, tambem estavam nesta sala, simplesmente adoraveis.

Sobre um «console» o modelo em barro cozido do centro Renascença, que é propriedade do sr. Luiz Fernandes.

Numa «vitrine» um serviço de chá para duas pessoas, deliciosamente pintado e que pertence á familia de Rafael Bordallo, bem como um cantil e um bule ornamentados.

Na segunda sala via-se o grupo em faiança «O lobo e o grou», o modelo da placa em bronze que está no cruzador «Adamastor» e uma «vitrine»

com figurinhas em *terra-cotta* que formam uma interessantissima serie caricatural de tipos lisboetas.

Na ultima sala, as preciosidades artisticas acumulavam-se.

Na «vitrine» central a celebre *borracha* em faiança oferecida por Bordallo Pinheiro ao grande actor Taborda, que lá está modelado em barro, nos seus papeis do «Medico á força»; a jarra preciosa oferecida pelo mestre á sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso; a bilha pertencente a sua majestade a rainha; as molduras oferecidas a João, Augusto Rosa e a Eduardo Brazão, com figurinhas admiraveis em *terra-cotta* pintadas a oleo, reproduzindo os illustres actores nas suas principaes creações scenicas.



PERÚ



VINTE ANNOS DEPOIS

Noutro console uma das mais notaveis peças do mestre — «A tourada num chapeu», que é uma maravilha de concepção e de graça.

Numa pequena vitrine o «Santo Antonio de Lisboa» — uma linda «terra cotta» pintada a oleo

Ao lado estão o tinteiro ornamento que pertence ao sr. conselheiro Serra e Moura e que se pôde considerar uma obra prima de faiança, e o lindo moringue pertencente ao sr. Gonzaga Gomes, no bojo do qual se võem as figuras do «Antonio», da «Maria», de Rafael e do sr. Gonzaga Gomes.

Noutro console uma das mais notaveis peças do mestre

que pertence á sr.^a D. Zulmira Franco Teixeira; a «Margarida vai á Fonte» e a «Tricana»; a reprodução em barro de uma das portas da Batalha, offerecida por Bordallo ao sr. conde de Paçõ Vieira, e diferentes trabalhos que são outras tantas maravilhas d'arte.

Sobre as mesas as figuras do «Antonio» e da «Maria» creadas pelo grande artista, e o grupo admi-

vel de graça que o espirito encantador do mestre denominou Romeu e Julietta; fadistas, janotas, padres, sacristães de barro e a infinidade de lindas coisas em faiança que o genio de Bordallo tinha o segredo de crear.

Foi portanto a exposição de ceramica de Bordallo Pinheiro um acontecimento no nosso meio artistico cuja recordação ficou perdóavel.



II — A EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE CARNEIRO JUNIOR

Antonio Carneiro Junior é a meu ver um pintor de muito merecimento, e muito talento. Possuidor d'uma technica perfeita, dá aos seus trabalhos a nota verdadeira de um bom artista.

Sabe desenhar e sabe colorir, e quer toque a pintura de figura, quer a de paizagem ou marinha, Carneiro confirma sempre esta minha affirmativa: que sabe!



O PINTOR CARNEIRO JUNIOR

Na exposição que ultimamente se realisou, mais uma vez elle o provou com muitos dos seus cincoenta e dous quadros expostos.

Mas, inegavelmente, onde elle mais pujantemente se nos afigura um verdadeiro artista é no genero *retrato*, e assim no quadro *Minha familia* onde elle pinta a esposa e os filhinhos, não só as figuras são flagrantes de semelhança e de verdade, mas a correcção de execução é perfeita e distincta.

As vezes, Carneiro foge um pouco da vida terrena e paira no mundo subjectivo; então pinta a psychologia dos individuos que quer retratar e é sob esta impressão que elle delinea e executa os retratos como os de Guerra Junqueiro e Manuel Laranjeira.

Não é este o seu modo que eu mais aprecio, porque ha nestes quadros toques profundos de sen-

sibilidade em extremo, que eu não comprehendendo bem.

Mas, quando elle delinea e executa, terrenamente, humanamente retratos como os de Christiano de Carvalho, Ramiro Mourão, Correia de Oliveira e D. Beatriz Faria, então admiro-o como a um grande mestre. Eu sou d'aquelles que exijo sempre que o retrato seja, além d'uma boa pintura desenhada com saber e colorida com correcção, uma exposição perfeita das linhas e da cor, do estado physico externo do



CHRISTIANO DE CARVALHO
Pintura de Carneiro Junior



JULIO BRANDÃO
Pintura de Carneiro Junior



A MINHA FAMILIA Pintura de C. Junior

retratado, e é por isso que estes retratos me prendem mais a attenção do que os outros.

O *Retrato de velho* tambem é um bello trabalho executado com maestria. Notarei que Carneiro se nos revela um factor de marinhas delicioso. Como primordia d'elles uma

marinha em que o pintor pôde, com uma extraordinária verdade, dar-nos a impressão nitida e como que movediça d'uma grande onda que dobrando-se junto da praia se prepara para se espreguiçar na areia numa doce melopeia de apaixonada.

Não quer isto dizer, que só este fosse o bom quadro de Carneiro Junior. Mas muito mais tinha e de grande valor como marinhas, tocadas de uma luz própria do ar que cobre o grande mar.

Como paisagista notei o Pateo de Santa Clara, pateo de convento que devia a muitos trazer recordações adoráveis, porque foi allí que muitos poetas da ultima geração litteraria abalançaram os seus primeiros gorgeios em outeiros cheios de encanto, amor e doces d'ovos.

Ao olhal-o, eu que muitas vezes allí fui não para ver as velhas freiras, mas algumas das lindas no-

viças, que já não podiam professar, todo o meu coração se encheu d'uma intima tristeza, não pela recordação das noviças, mas pela lembrança dos bellos pasteis que ellas me offereciam e pela minha mocidade que vae passando.

Já não se faziam outeiros allí quando eu o conheci, e era tal como Carneiro bellamente o traçou.

Tão cheios de verdade, e cheios de correcção e bella execução é esse um trabalho, que eu não posso deixar de o considerar como um dos primeiros da exposição.

E fico-me por aqui por hoje. E ao publico que me leu até ao fim, o meu aperto de mão sincero por me ter aturado tão de boa mente.

25—5—907.

ALVARO.

Livros novos

NOTAS DE ARTE, por Antonio de Lemos.
(Livraria Figueirinhas—Porto).

Numa elegante e nitidissima edição, acaba de apparecer este bello livro, onde o snr. Antonio de Lemos, critico de arte já bem conhecido, compi-



ANTONIO DE LEMOS

lou varias apreciações suas sobre a pintura e esculptura nacionaes.

Allí perpassa, numa prosa alegre e elegante, a felizmente já não curta galeria de artistas portuguezes, desde os mestres que a sympathia do público consagrou de-

finitivamente, até aos amadores que na solidão dos seus *ateliers* vão matando o tempo em bem mais doce prazer espirital que o de fazer má lingua á porta dos centros de palestra.

Acompanhando as suas apreciações de esplendidas gravuras, o snr. Antonio de Lemos fornece aos seus leitores occasião de irem, á medida que leem, vendo as photogravuras das obras criticadas, de fórma a poderem aquilatar da justiça de elogios ou das censuras.

Porque o distincto escriptor, revela, neste seu livro, que nem só para dizer bem travou da penna.

Sempre que qualquer obra se impõe á sua admiração, descobre-se reverente, vibra de profundo entusiasmo, e arranca do lexicon nacional tantos quantos adjectivos elogiosos sejam necessarios para traduzir esse estado da alma. Mas quando, ao contrario, a tela ou o bloco expostos á curiosidade pública conseguem apenas chamar a sua attenção pela *chinoiserie* ou pela imperfeição, o snr. Antonio de Lemos não hesita um segundo em pôr o nome aos bois, como se diz em vulgar, fazendo justiça aos auctores e a si proprio, tendo comtudo a benevolencia de chamar sómente mau ao que é pessimo, ou peor que isso.

Nestas condições, vibra por vezes, e supe-

riormente, o latego da ironia. Tal é o caso da critica á exposição da Sociedade de Bellas Artes de Lisboa, onde poucos, muito poucos expositores, passaram incolumes.

Antes assim. Que é já hoje tão difficil, a quem escreve e a quem critica, evadir-se d'esse circulo vicioso a que se chama elogio mutuo!

A MULHER EM PORTUGAL — cartas de um estrangeiro, por Victor de Moigenie — (Livreria Figueirinhas—Porto)

É-nos absolutamente extranho o nome d'este escriptor, que, viajando em Portugal, e vendo com olhos de profundo observador, envia para longe, para França, á sua amada Mariette, cartas primorosas, onde, a par das descripções da paisagem, vão criticas excellentes e justas, aos typos, aos factos, aos costumes...

Dir-se-ia, ao ler este bello livro, que o seu auctor é portuguez dos quatro costados, ou que, em vez de atravessar Portugal *á-vol-d'oiseau*, como a princeza Ratazzi, aqui vive ha muitos annos, em contacto permanente com a gente e com os lugares.

Porque, quando mais não fosse, motivo para grande admiração seria já que um estrangeiro apreciasse com tanta justiça as nossas coisas, e escrevesse com tanta orthographia os nossos nomes proprios...

Chega a gente a convencer-se de que Moigenie é um verdadeiro Eugenio nascido e creado aqui, neste bello rincão peninsular, desde pequeno acostumado a ver e observar, e emfim apostado em lançar a publico o seu modo de ver e as suas opiniões...

Como quer que seja, o livro é bello, e merece ser lido. E o seu auctor, que revela profunda erudição, soube nelle entresachar primorosas descripções, e criticas benignas, que fazem sorrir sem maguar.

Ainda nisto, neste cuidado de beliscar ao de leve, sem produzir sombra de dor, a sensível epiderme lusitana, Victor de Moigenie parece mostrar que é tão francez como nós somos... turcos.

Mas, se de facto elle é estrangeiro, nesse caso é merecedor da melhor gratidão dos portuguezes, os pobres portuguezes que tão affeitos são a ser calumniados pelo estrangeiro que os visita, desde Lord Byron a Luiz Morote!

A FUGA, esboço historico e technico por Ernesto Vieira.—(Livreria Classica de Teixeira e C.^{ta}—Lisboa).

Num pequeno folheto, que basta comtudo a mostrar os largos conhecimentos musicaes do seu auctor, apresenta-nos o sr. Ernesto Vieira a historia e a technica da *fuga*, originada na fórma polyphonica.

O assumpto está tratado com toda a proficiencia, e estamos certos de que o opusculo do sr. Ernesto Vieira será lido com interesse por amadores e profissionaes.

O MARQUEZ DE POMBAL, poemeto anti-jesuitico por João Maria Ferreira — (Livreria Avellar Machado — Lisboa).

Subordinada ao titulo — *Combatendo* —, iniciou o sr. João Maria Ferreira a publicação de uma série de poemetos, que terão por fim « combater os pôdres que corroem a sociedade portugueza, os cancos que alastram cheios de pús, maculando tudo o que é bom... »

No primeiro publicado, que o auctor dedica á commissão do monumento ao Marquez de Pombal, todo feito em versos alexandrinos, revela-se o sr. J. M. Ferreira um excellent poeta que, passados poucos annos, deve occupar um bello lugar na litteratura portugueza, quando, afastadas as sugestões dos mestres, afirmar mais largamente a sua originalidade.

Porque a verdade é que, ao ler o seu poemeto, onde o auctor se apresenta

« contemplando,
sentado num rochedo o mar sereno e brando... »
até vêr surgir ao longe

« um vulto de mulher, suavissimo, gentil »,

que lhe diz :

« Eu sou a gêmea irmã do pallido Jesus,
eu com Elle nasci, e unidos 'sp'ritualmente,
vivemos nova vida em communhão ardente... »

a gente é levada a pensar, por uma associação de idéias não muito difficil, na Introducção da *Morte de D. João*.

O poemeto em questão está muito longe, comtudo, de ser um decalque. E revela que o seu auctor se ha de ir aperfeiçoando e pessoalizando com o tempo, — que tem talento para isso.

TROVAS PARA O POVO, por João Maria Ferreira. (Neuporth e Carneiro.—Lisboa.)

Mais uma produção Litteraria do sr. J. M. Ferreira, que aqui se apresenta sob um novo aspecto, em quadros cheios de lyrismo, para os quaes o sr. Ruy Coelho escreveu musica singela e insinuante, como ao genero convem.

NA ILHA DA MADEIRA, pelo dr. Antonio Balbino Rego. (Edição do auctor).

O dr. Antonio Balbino Rego, que durante mezes exerceu o lugar de director do Laboratorio Bacteriologico do Funchal, viu-se um dia, a pretexto da eclosão da peste bubonica na capital do Archipelago, envolvido numa rede de odios e intrigas com que interesses feridos, e porventura um pouco de *chauvinismo* local, procuraram inutilisal-o.

Está ainda na mente de todos o motim popular, que as auctoridades não puderam ou não souberam conter, e que, alargando-se como onda revolta por toda a cidade, veio abater-se sobre o inerme Lazareto, em breve reduzido em um montão de escombros, e contra a residencia do distincto clinico, que se viu obrigado a refugiar-se, com sua familia, a bordo do cruzador *D. Carlos*.

De Lisboa, aonde se acolheu por ordem do governo, o sr. dr. Rego tem posto todo o seu empenho em justificar a sua conducta, tendo já no opusculo *Um anno depois* feito larga reseña dos acontecimentos. O actual livro — *Na ilha da Madeira* — vem em seguimento do anterior tendendo ao mesmo fim, a nosso vêr desnecessario para todos aquelles que conhecem o amplo cabedal scientifico e as largas faculdades da intelligencia e trabalho do distincto médico.

Lê-se o livro com agrado e interesse. Narrando singelamente os factos, sem preocupações de estylo, o sr. dr. Balbino Rego vae-os commentando sem indignação, como quem já perdeu a rudeza dos ataques supportados. Mas ao mesmo tempo, soube polvilhar a sua prosa de uma ironia suave, de um fino sarcasmo, que devem talvez doer mais aos seus inimigos, que um largo estendal de recriminações.

O producto da venda do livro é destinado a soccorrer a pobreza do Funchal, circumstancia esta que altamente prova as nobres qualidades de espirito do seu auctor.

ENSILAGEM, (Livraria Classica de A. M. Teixeira & C.^{ta} Lisboa).

As prolongadas seccas nos ultimos annos, as anormaes alterações da temperatura dos ultimos tempos e em todas as epochas, e a natural falta de pastagens e alimentos verdes para todo o gado em bastantes mezes do anno — são inconvenientes tão apoquentadores dos creadores, que apontar-lhes um remedio é prestar-lhes um bom serviço.

Ora já não ha duvida de que a ensilagem supre vantajosamente aquellas faltas — de que não fica mais cara do que os alimentos seccos — de que se conserva de modo e por forma que está sempre prompta para a alimentação e, finalmente — de que está ao alcance de todos — se não em grande escala, em modesta experiencia pelo menos.

Os silos tanto podem ser pequenas barricas, como altas torres e de todos os materiaes de construcção: de tijolo, de alvenaria, de madeira, de aduella, de cimento armado, de madeira e papel, emfim, até se podem aproveitar pipas ou tuneis velhos, pias de pedra, tanques e pombaes velhos.

Para as encher e armazenar assim, o necessario para uma boa parte da alimentação do seu gado, o lavrador aproveita o que nas epochas de fartura lhe não serve para nada — até cardos bravos.

Como se faz e de que se póde fazer o silo, como se enche e como se aproveita a silagem — aprende-se na leitura de duas horas d'um livro que com o titulo « Ensilagem » se publicou ha pouco, traduzido de uma publicação americana. Não ha necessidade de engenheiro, mestre d'obras ou outro director — é ler e mandar executar.

Parece bem certo que entre nós acontecerá com o silo e que aconteceu na America: foi adoptado sem a menor contestação.

REBATE FALSO

UM EPISODIO DE VIAGEM

Em 1883, no cumprimento dos deveres do meu cargo de secretario do governo de Lourenço Marques, fui obrigado a ser energico, talvez até energico de mais, com Mr. Murray. Este fiel subdito de Sua Magestade Britannica, numa noite, embriagado, espancara dois policias, abriu a cabeça ao dr. Mello e Minas, dera um trabalho insano a ser conduzido para a cadeia, e ali batera no carcereiro, depois de, sem resultado, o querer peitar. Mr. Murray apanhara, unico remedio para lhe acalmar os nervos e dissipar-lhe os fumos do whisky e do Brandy, uma formidavel sova.

Mezes depois fui encarregado de estudar o traçado duma estrada, que devia ligar o váu do Echiça, no rio Tembe, com a povoação do régulo do Mossuete, hoje, á ingleza, Swazilandia. No desempenho duma missão toda de paz, apenas levava os carregadores indispensaveis para a condução da bagagem e instrumentos. Na minha comitiva particular figuravam: um cabo de marinheiros, Albino, para me coadjuvar nos trabalhos de campo, um dos homens mais valentes que tenho conhecido; o Francisco, meu impedido, um angola, a quem por duas vezes devi a vida; e o cozinheiro, um negro da Zambezia, mais amigo do sumo da uva que o patriarcha Noé.

Depois de duas semanas de marcha mais ou menos trabalhosa, chegamos á cumiada da serra do Josane, nos Lebombos, uma especie de mirante natural, donde se gosa um dos mais soberbos pontos de vista que a natureza pode offerecer. Na minha frente, a meus pés, a quinhentos metros abaixo do sitio em que estava collocado, desdobrava-se uma pla-

nicie, que, muito ao longe, era limitada pelos pincaros duma nova cadeia de eminencias. Que magnifico tapete! A vasta superficie iriava-se de todos os matizes que uma mulher caprichosa pode bordar num tecido de phantasia, desde o amarello carregado da palha queimada até o verde claro das magnificas campinas, desde o azul esmaecido das ennevoadas cordilheiras até a côr afogueada da argila vermelha; todos os cambiantes se confundiam em artistica combinação. Em baixo havia tres povoações, cujas palhotas, do ponto em que estava, se me afiguravam colmeias; os homens eram pigmeus e o gado miniaturas. Era preciso quebrar o encanto, desviar os olhos fascinados para a prosa da montanha que necessitava calcurrear e para o trilho escabroso que se me rasgava em frente. E foi um destes exercicios gymnasticos pavorosos. O declive era tão abrupto que só com um bordão aguçado na ponta se podia percorrer. Um passo dado em falso e o tombo seria medonho, senão fatal. Levamos quatro horas neste alpinismo desagradavel.

Apenas me encontrei na planicie, dirigi-me para uma das tres povoações. Tratei de comprar milho e galinhas, para abastecimento da minha gente, e mandei convidar para isso as mulheres, que são, em geral, quem se entregam a esta especie de negocio. Os homens assistiam, a distancia, á demorada discussão, em que brancos e negros com um diluvio de argumentos, nem sempre aferidos pela norma da honestidade, procuram enganar-se o menos cordealmente possivel. Entre os negros havia um corcunda, o segundo e ultimo caso de rachitismo que vi durante a minha longa residencia em Africa.

De subito, no melhor da permuta, accentua-se uma certa agitação nos grupos dos mossuates. Levanta-se primeiro um rapido borborinho, que não tarda a transformar-se em estrepitosa vozeria. Até ás mulheres, que me vendiam os cereaes, mediante polychroma missanga, ou shellings em bom e sonante metal, chegam dois ou tres brados proferidos com imperativa intonação. As damas, aterradas ou offendidas, pegam nos *quitundos* (cestos) e fogem para junto dos paes, maridos e irmãos, com uma velocidade que nem de gazelas perseguidas pelo leopardo. Aglomerados, todos, iniciam uma carreira doida para fóra da povoação. Tres minutos depois só se divisava ao longe um bando de fugitivos, mais lepidos que macacos ao presentir qualquer perigo.

Tudo isto se effectuara com tão prodigiosa rapidez, que já os negros e negras iam muito longe e ainda eu não fechara a bocca do pasmo que aquella mutação á vista determinara em mim e nos que me rodeavam. Pagara-lhes pontualmente tudo quanto comprara, tratara-os bem, ninguem os melindrara, nada, emfim, justificava a inexplicavel e imprevisita fuga. Entretanto devia existir uma causa, proxima ou remota, desse repentino exodo. Procural-a e attenuar-lhe os effeitos era o meu dever e o meu interesse.

O Albino, o cabo de marinheiros, tão surprehendido como eu, bateu com o pé no chão e exclamou:

— Mas porque fugiu esta gente toda!

O cozinheiro, que lhe experimentara algumas vezes o peso das mãos, por ser encontrado em flagrante delicto de roubar vinho ou alcool dos garrafões, approximou-se d'elle um tanto mysteriosamente e disse-lhe, na sua linguagem arrevesada:

— *Molungo*, os pretos fugiram depois d'aquelle *ingrez* da barraca falar com elles.

— Qual *ingrez* e qual barraca? — inquiri eu ao ouvir a conversa.

— Aquella, além! — respondeu o zambeze.

Segui com a vista a direcção que o negro me indicava com o dedo e deparou-se uma barraca de lona, das denominadas de campanha, a cerca dum kilometro, e na qual nenhum de nós tinha reparado.

— Então o *ingrez* veio aqui? — interroguei.

— Veio — informou o Francisco — mettendo-se no dialogo — demorou-se muito a palestrar com os mossuates em zulo, deu-lhes dinheiro e foi então que elles chamaram as mulheres e tudo desapareceu.

— Tudo?! — exclamei eu.

— Tudo, senhor — insistiu o Francisco — na povoação só ficaram os animaes e as palhotas.

— É curioso! — commentei.

— Porque seria? — interveiu o Albino.

— Sabes uma coisa, senhor? — investigou o Francisco.

— O quê.

— O *ingrez* é aquelle de Lourenço Marquez, a quem mandaste prender.

Era coisa tão vulgar serem presos *ingrezes* na cidade, que o esclarecimento do impedido pouco adeantava.

— Explica-te melhor — ordenei-lhe.

— Foi o que bateu nos policias, no doutor e no carcereiro e que depois levou muita pancada.

— O de cabello ruivo, Mr. Murray? — aclarei.

— Exactamente — redargui o angola — e olha que elle não tem cara de gente boa.

Agora um pormenor. A serra dos Lebombos era, nesse tempo, como foi muitos annos depois, um covil de bandoleiros europeus. Naquelle quadra o regulo da Swazilandia gosava da mais completa liberdade e, como era poderoso, ninguem lhe exigia a extradicação dos facinoras que ali se acoutavam. Os foragidos das colonias britannicas de Natal, cabo da Boa Esperança, republicas do Transvaal e do Orange Free State, encontravam nas montanhas guarida segura. Campeavam por lá á solta criminosos da peor especie, alguns condemnados á morte em Durban, como o MacNab, os dois Dupont, etc. Nessa solidões, ora negociando com os indigenas, ora roubando-os, não conheciam outra lei que não fosse a sua carabina, nem outro freio além do da força.

A malevolencia não se cevava com demasiada furia na reputação de Mr. Murray; go-

sava dum certo crédito na praça, pagava regularmente as suas contas e o unico vicio, conhecido, era a tendencia para os espirituosos, queda muito vulgar entre os seus compatriotas. Em todo o caso, quem vê caras não vê corações, e podia apparentar de excellente pessoa no convivio com gente civilizada, e principalmente em presença de meios que lhe poderiam coagir quaesquer instinctos perversos, e ser outro muito diverso em pleno matto.

Pensava em tudo isto, um pouco superficialmente, quando o cozinheiro veio de novo, á carreira, ter commigo muito atrapalhado, declarando:

— Siô, siô, os carregadores tambem fugiram.

— Que dizes, homem?

— Siô, siô, não mintos. O Francisco que vá vêr.

Mandei o impedido averiguar da exactidão do acontecimento e fui obrigado a render-me á evidencia.

— Porque fugiram? — inqueri eu do zambeze.

— Siô, com medo. O *ingrez* levou mosuates comsigo para não dar de comer a nós e ha voltar logo com mais brancos para matar o siô e quem o acompanhar.

— Não sejas tolo — respondi — vae cozer a bebedeira.

— Siô, eu não estar bebado; siô precisa acautelarse; *ingrez* não levou toda a gente da povoação para bem; *ingrez* ha de voltar e *pim, pim*, acaba com a sua vida e nossa.

Enxotei o negro, mas confesso que encontrava a conjuntura um tanto embrulhada, se não critica. O marinheiro, homem sensato, e afeito a perigos, chegou-se ao pé de mim e perorou:

— Senhor secretario, deve haver alguma coisa de exacto no que o cozinheiro assegura. O *inglez* não se esqueceu da tarefa apanhada na cidade; encontra-o agora aqui, só commigo, que sou o unico branco, dos pretos não faz caso, e planeia pregar-lhe qualquer pirraça.

— Que vantagem tinha em deixar o povoado deserto? — objectei.

— Para os habitantes não serem testemunhas do que pretender realizar, ou quando menos para os auxiliar.

— E os carregadores?

— São uns covardes; cheirou-lhes a chamusco, sumiram-se.

— Ainda não acredito que ao homem acudisse semelhante idéa; deve lembrar-se que mais tarde ou mais cedo seria castigado.

— E quem castiga os outros que roubam e matam para ahí á vontade?

— Ora adeus!

— O seguro morreu de velho.

— Que lhe havemos de fazer?

— Prepararmo-nos, para ao menos, se vierem, encontrarem boa recepção.

Pensando melhor, a tentativa, se não era vulgar, tambem não deixava de ter precedentes. Contavam-se alguns attentados semelhantes, e um d'elles succedido com um negociante portuguez chamado Camillo. Se se juntassem dez ou doze flibusteiros da serra, bem armados e excellentes atiradores, a partida era muito desigual, pois só lhe podiamos oppôr duas carabinas Martini-Henry e duas espingardas Sneyder, com, não chegava a trinta cartuchos, para cada arma. E seria uma proeza de que se falaria largo tempo no sertão, se o secretario do governo fosse enxovalhado por aquelles meliantes!

Albino era um rapaz de expedientes, e tanto pesquisou as palhotas que encontrou um barril de pólvora ordinaria de oito arrateis. Com as picaretas e as enxadas, que levavamos para os trabalhos de campo, e que os carregadores tinham abandonado, construímos em redor da barraca de campanha um pequeno parapeito de terra. Lá mettemos os generos, os instrumentos e as escassas munições... e esperámos. O barril de pólvora foi enterrado a meio da barraca, com um rastilho... e... se fôsse necessario, mais valia acabar com uma bala, ou feito em pedaços, que succumbir lentamente ás crueldades dos malvados.

Como o estomago impunha os seus direitos inilludiveis, o cozinheiro arranjou o jantar, e todos comemos com esse appetite que, aos vinte e quattros annos, nada na vida é ca-

paz de afugentar. Anoteceu. Combinamos dormir eu até á meia noite e vigiar o Albino, e dessa hora em diante ficar eu de atalaia. A madrugada, o quarto de modorra, é quasi sempre o momento escolhido para qualquer investida dos indigenas, ou dos que aos seus habitos se acostumam. Depois dum somno intermittente, ergui-me. O Albino não se quiz deitar; o Francisco, com os olhos abertos como os duma hyena, rondava em redor da nossa *fortificação*. O cozinheiro, talvez para crear animo, e apanhando um garrafão aberto, bebeu, bebeu, e encontrava-se em tal estado que nem toda artilharia do mundo a troar junta seria capaz de o mover.

Quem passou uma noite de vigilia anciosa no matto nunca mais a esquece. O céu, como tantas vezes succede, luminoso até uma certa hora, forrou-se de todo de negrumes espessos; era a escuridão profunda, esmagadora, que nos traz como a atmospherá para meia duzia de metros acima da cabeça. Aquelle docel opaco, onde a vista procura debalde qualquer rapida scintillação em que a pupilla incida, pesa-nos sobre os hombros e quebranta-nos a energia. Em redor as mesmas trevas hostis, o mysterio das accommettidas imprevistas, o uivar sinistro dos felinos a vaguear em torno dos cadaveres insepultos, o ciciar docemente sussurrante do vento perpassando por meio do capim como uma giboia atrás da prêsa, o crepitar das vagens fendendo-se para deixar cahir as sementes e irem fecundar as campinas distantes, os mil ruidos singulares que nos surpreendem e quasi nos amedrontam, tudo isso actúa nas nossas faculdades dum modo insólito e acabrunhador.

Cada hora que passava significava um augmento de impaciencia quasi dolorosa para nós. A lucta tremenda do instincto da conservação e o poder momentaneamente aniquilador do somno e da fadiga travára-se renhida nos nossos organismos, que traziamos já muitos dias de labuta insana e outras tantas noites sem aconhego nem commodidades. A noite arrastava-se com desesperadora lentição; era uma tortura consultar o relógio, cujos ponteiros pareciam immoveis por cruciante ironia do tempo. Era preferivel qualquer

desenlace, por brutal e sinistro que fosse, a essa expectativa doentia, em que a imaginação se povoava das imagens mais macabras e morbidas que podem flagelar um cerebro. Por quantos annos eu trocaria um pequenino raio de aurora a luzir para as bandas do Levante!

De repente ouve-se um ruido mais pronunciado que todos até ahi ouvidos. O Francisco, com mais acuidade de sentidos, colla a cabeça ao chão, escuta, demora-se um instante e logo se ergue veloz, dizendo:

— Senhor, elles ahi veem!

Saltamos para dentro do nosso irrisorio reducto.

Nem um tiro antes de ordem minha — recommendei eu com laconismo e energia.

Distinguia-se um longo e afastado rumor. O estrépito foi crescendo, transformou-se depois numa vozearia enorme.

— São muitos! — commentou o Albino em voz baixa.

— Para que serve contal-os? — redargui-lhe.

O clamor approximava-se com estonteante rapidez. Percebia-se agora nitidamente o tropel de muitos cavallos, innumeros brados, um alarido medonho, cujo fragor ainda augmentava mais com a densidade da escuridão. Deviam estar perto, mas não os viamos, embora os adivinhassemos a poucas dezenas de metros. A escassez das munições obrigou-me a prevenir de novo:

— Só atirem quando estiverem em cima de nós.

Segundos depois o barulho como que estacou, tomou novo alento e seguiu noutra direcção. Á força de applicar a vista, divisamos, a distancia, muitos animaes numa correria desenfreada, com fórmás que me pareceram apocalypticas, de contornos gigantescos, figuras de anatomia prehistorica, quadrupedes de épocas antidiluvianas, e depois tudo se sumiu, tudo cahiu no silencio anterior, tudo voltou ao socego e á tranquillidade precedentes.

Seria pesadêlo?

O suor, apesar do fresco da manhan, escorria-me em grossas camarinhas pela testa

abaixo, e o sangue, febril, escaldava-me as faces.

Apenas amanheceu mandei o marinheiro e o Francisco saber o que era. Voltaram os dois a rir ás gargalhadas. Que succedera?

A Mr. Murray — pobre homem, que nunca soube a calúnia que lhe fôra levantada! — tinham-lhe fugido as mulas duma das suas carretas. O leão andava perto. Antes de chegar a noite prometeu uma boa gratificação a toda a gente do povoado para lhas apanhar. Tudo correu a desempenhar esse serviço, e até os meus carregadores foram com a mira nalguns shellings. Só conseguiram arrebanhal-as de madrugada e vieram correndo, numa larga montaria, atrás dellas até onde se encontrava o vehiculo. Ficava explicado o desaparecimento dos pretos e a mysteriosa algazarra do alvorecer, que não tivera nada de hostile contra nós.

Desfizemos, antes de regressarem os negros e as negras, as trincheiras, repuzemos o barril de polvora no seu lugar e olhamo-nos, eu e o Albino, envergonhados. Nesse dia não trabalhamos, dormimos a somno solto, e até ao cozinheiro foi perdoada a sova promettida pela borracheira nocturna.

Quando annos depois visitei o Albino, a morrer, no hospital, anemico, quasi já na agonia, ainda me disse com os olhos ennuclados pelas primeiras sombras da morte:

— Ah! senhor secretario, que noite aquella!... Se temos disparado as armas!...

Pobre Albino!

Lisboa, maio de 1907.

EDUARDO DE NORONHA.

POR ELLA

Eu amo o rouxinol que vem á tarde
Junto á minha janella
Modular mavioso os seus queixumes,
Porque me lembro d'ella.

Amo a fonte, onde pela vez primeira
Ambos nos assentamos,
E a cujo brando som tantas palavras
De amores misturamos.

Se vou ao campo julgo vel-a ainda
Através da folhagem,
Qual visãõ vaporosa, ao vento dada
A candida roupagem.

Gosto das flores que ella mais amava,
Da rosa e do jasmin,
Que tantas vezes apanhamos juntos,
Vagando em seu jardim.

D'aquelle banco á beira do caminho,
Aonde nós sentados
Vimos tornarem-se horas de ventura
Momentos apressados.

E d'este céo coberto de mil astros,
E d'esta amiga lua,
Que mais suave, ó bella, parecia
Banhando a face tua.

Amo, amo até as lagrimas que verto,
Quando, ao pensar em ti,
Vejo que por teu nome embalde chamo,
Porque já te perdi!



As modas em Junho



Para que as gentis leitoras não possam queixar-se de que não nos occupamos d'ellas com toda a solicitude, vamos abrir uma secção de modas, que será uma especie de resumo de todas as novidades apparecidas nos grandes centros da moda.

E não teriamos melhor occasião para o fazer do que na entrada do verão, que é, por excellencia, a estação das senhoras. No verão, effectivamente, as senhoras podem como nunca fazer realçar a sua belleza; podem permittir-se nos seus vestidos os tons mais claros e mais vaporosos; a sua pelle fina não tem que temer as asperezas do frio; a cinta delicada não tem a escondel-a a pesada capa; pode imaginar chapéus ideaes.



Depois, de verão, ha os longos passeios pelo campo, as estadas na quinta, as curas nas aguas, a alegria e despreoccupação da praia, tudo coisas encantadoras que tonificam, dão saude, tornam mais completos os naturaes esplendores femininos. Por isso, o verão é a estação, por excellencia,

das senhoras.

Nestas condições, todas as modistas procuram já realisar as mais bellas *toilettes* para verão, afim de satisfazerem a ancia bem feminina da novidade, e por sua parte as senhoras procuram todos os figurinos que lhes podem ser favoraveis ao typo especial. Vamos nós procurar satisfazer-lhe essa curiosidade, indicando-lhes grande copia de figurinos, dos mais interessantes e graciosos. Sempre as senhoras nos encontrarão aqui promptos a realisar os seus sonhos e a corresponder á amabilidade da sua preferencia.

Ha ainda, como a estação vae fria, quem por emquanto não deseje os levissimos vestidos de puro verão. Para isso, lhes apresentamos aqui um modelo de *tailleur*, que são vestidos sempre commodos, que servem sempre, e têm a vantagem de dar uma grande distincção a todos os corpos, altos ou baixos, e a todas as physionomias. São tudo quanto ha de mais pratico. E ainda temos aqui tambem outros modelos que as nossas leitoras saberão apreciar.



Quanto aos *tailleurs* são todos em riscas, de lã acinzentada com pintas em azul escuro ou atravessada por uns fios brancos, com enviezado verde ou vermelho d'um só lado; sobre fundo branco, vêmos ainda uma disposição de riscas pretas formando angulos agudos. Qualquer d'estes gostos dá lindos vestidos, faceis de trazer, d'uma commodidade perfeita. São adornados simplesmente de galões, arranjando as riscas do tecido de maneira a fazer sobresahir a guarnição.

Quanto aos outros modelos, a encantadora serie de musselinas, a grande variedade que d'ellas apparece, facilita immenso a escolha das combinações. E para esses, as gravuras que damos juntas falarão melhor ao bom gosto das nossas leitoras do que quaesquer conselhos nossos.

*

Ha, porém, *toilettes* inteiramente novas, para verão, que precisam ser descriptas. É o que vamos fazer, rogando-lhes que combinem os numeros que vão nas gravuras como os que aqui escrevemos:

N.º 1—FATO DE BANHO D'UMA SÓ PEÇA PARA HOMENS OU RAPAZES. Este fato de banho para homens e rapazes é uma peça só, com um cinto que o prende ao corpo e que fecha á frente. Aperta-se á frente por botões e cascas, e é ajustado por meio de costuras debaixo dos braços e ao meio das costas. Mangas curtas franzidas na beira, a menos que não se tirem completamente, usando o corpo sem ellas.



N.º 2—FATO DE BANHO PLISSADO PARA SENHORAS. Esta blusa de banho é solta á frente, formando uma *draperie* de lindo effeito, e a largura da fazenda é distribuída por pregas nos hombros e á roda das ancas sobre a saia. Esta compõe-se de cinco pannos em talho, presos á blusa e com abertura á esquerda. As mangas são formadas por pequenos papos franzidos em tiras estreitas.

Um escapulario com gola direita guarnece a garganta. As calças são ajustadas pelas costuras do costume, na parte interior da perna, sendo apertadas nas ancas por fitas.

N.º 3—FATO DE BANHO PLISSADO PARA SENHORAS OU MENINAS. (*Comprehendendo uma blusa que aperta no lado esquerdo do peito, uma saia de sete pannos cosida á blusa, e umas calças largas cosidas a um corpo de baixo*).

A guarnição d'este fato de banho consiste em machos muito miudos, e pespontados sobre a blusa até á cinta, ao passo que os da saia, que é talhada em sete pannos, são apenas pespontados nas ancas, e caem soltos d'ahi para baixo. A blusa e a saia apertam á esquerda, a primeira debaixo do primeiro macho e a segunda na costura do panno da frente. Os papos, presos em tiras, formam as mangas curtas, e o escapulario subido deve ter uma gola direita.

N.º 4—FATO DE BANHO PARA SENHORAS.— (*Comprehendendo uma blusa presa a uma saia de pannos formados d'uma parte superior, e d'uma parte inferior, e d'um calção, preso a um corpo de baixo*).

Pregas deitadas em sentido inverso a partir do centro adornam a blusa d'este modelo; a saia tem igualmente um grupo de pregas atrás, ao passo que as costas da blusa são presas á cinta por pregas. Uma larga gola é posta em liso e vem juntar-se á frente com os rebuços do peitilho.

N.º 5—BLUSA PLISSADA PARA SENHORAS. (*De mangas compridas ou mangas curtas*).

As largas pregas que ornam esta blusa prolongam-se até á cinta atrás e a toda a altura do busto, na frente, deixando a roda livre por baixo. Deve apertar á frente, quer um pouco de lado quer sob o macho postigo que o adorna. Uma gola direita com metade voltada, ou uma gola ida-e-volta completa a blusa.



N.º 6—SAIA PLISSADA, DE SEIS PANNOS, PARA SENHORAS. (*Arrastando pelo chão ou mais curta e armada em baixo com pregas grandes*).

Seis pannos entram na construcção d'esta linda saia, que é plissada aos grupos de tres pre-



N.º 1 N.º 2 N.º 3 N.º 4

Modelos dos Armazens do Chiado — Porto-Lisboa

gas feitas de deante para trás, excepto nas costas, onde se fazem as pregas ao contrario.

N.º 7—BLUSA PLISSADA PARA SENHORAS. (*Apertando ao lado esquerdo e podendo fazer-se com ou sem escapulario*).

As costas lisas caracterizam esta blusa com escapulario postiço. Este escapulario é mais alto na frente do que nas costas, fôrma uma ponta ao meio. Pregas largas adornam a frente junto



N.º 5 N.º 6 N.º 7

Modelos dos Armazens do Chiado — Porto-Lisboa

das cavas e estendem-se até á cinta. O bordado á mão seria d'um effeito muito decorativo no escapulario. A blusa aperta-se debaixo da prega mais proxima da cava, á esquerda, abotoando sobre o hombro.

N.º 8 — SAIA PLISSADA PARA SENHORAS. (*De beira inferior sem feitios, para felpudas de xadrez e bordados*).

Esta saia é feita em pregas deitadas, muito juntas na parte superior, onde modelam perfeitamente as ancas, e que alargam gradualmente para baixo. Á frente deve ter um panno liso, formado entre as pregas dirigidas para trás.

N.º 9 — SAIA DE SETE PANNOS PARA SENHORAS. (*De fôrma princeza ou acostumada, arrastando pelo chão*).

Esta saia de fôrma nova compõe-se de seis pannos que podem prolongar-se acima da cinta

em estylo princeza ou terminar da maneira usual com um cinto. Dois folhos em talho guarnecem a parte de baixo da saia, subindo o de cima, ao passo que se vae fazendo mais estreito, para a parte superior, passando por cima dos hombros e vindo prender-se atrás na cinta. Tiras atravessadas ligam estas bandas na frente. As mangas japonezas são um lindo ornato que pôde ser empregado á vontade.

N.º 10 — SAIA DE OITO PANNOS DE FÔRMA PRINCEZA, PARA SENHORAS. (*De cauda pequena ou redonda*).

Esta elegante saia é a combinação do genero «princeza» e d'um effeito de alças obtido pelo prolongamento dos pannos dos lados. Estas partes sobem por sobre os hombros até encontrar um prolongamento similar dos pannos das costas. Acrescenta-se-lhe em alguns vestidos uma hombreira, cahindo sobre os hombros, para completar o effeito do conjuncto. A saia é disposta em pregas que são ajustadas nas ancas por pespontos e que fluctuam livremente até á beira da saia.



N.º 8 N.º 9 N.º 10

Modelos dos Armazens do Chiado — Porto-Lisboa

N.º 11 — VESTIDO PARA MENINAS. (*Comprehendendo um «bolero» e uma saia plissada de oito pannos*).

A saia d'este gracioso vestido para meninas é talhada em oito pannos, que são dispostos em grupos de dois machos á frente, aos lados e atrás; na costura de cada um d'estes grupos faz-se uma prega funda, e todas estas pregas são pespontadas nas ancas, vindo depois até á beira com os festos cuidadosamente marcados a ferro.

O «bolero» ou «figaro», se bem que de talho muito simples, é d'uma elegante apparencia. As frentes formam duas pontas que se podem dobrar como rebuços e adornar com a propria seda do forro, ou que se juntam para apertar o bolero no peito. Uma tira sublinha o contorno do «bolero» e uma tira igual circula a cava, cahindo sobre a manga. O galão de phantasia é o que convem para esta guarnição. As mangas são plissadas no cimo, e caem fluctuantes como folhos de manga ou são presos numa tira.

N.º 12—VESTIDO PARA CRIANÇAS. (Com escapulario, blusa e saia de quatro pannos, disposta em machos, cosida ao corpo).

A blusa d'este pequeno vestido é presa á saia; um escapulario de feitto vulgar acompanha-a, com um pequeno folho de renda fran-



N.º 11 N.º 12

Modelos dos Armazens do Chiado — Porto-Lisboa

zido para terminar as mangas e o pescoço, a menos que se não prefira, para este, a tira direita de pescoço. Fazem-se pregas curtas junto das cavas, na frente e atrás, e o meio do peito finge um colete entre dois machos fasos, ad-

nados com botões pequenos, ás filas de tres. O mesmo ornato repete-se na manga, que é solta e em fórma de folho.

A saia é formada por quatro pannos dispostos em machos triplices, ao meio da frente, dos



N.º 13

N.º 14

Modelos dos Armazens do Chiado — Porto-Lisboa

lados e detrás. O corpo é solto a toda a volta, e a roda é distribuida por pregas miudas na cinta, onde vem prender-se á saia. Um cinto da mesma fazenda que o vestido ou guarnecido esconde a costura que une. Fica igualmente bem, querendo usar decotado.

N.º 13—CASACOS PARA CRIANÇAS—O bello aspecto d'este casaquinho é devido a um corte muito bem comprehendido, que fórma uma graciosa largura na parte da saia e um escapulario completamente liso, que não engrossa os hombros com muita fazenda. Este escapulario quadrado é totalmente coberto pela gola mantéo que é ornada por um trabalho franzido. As mangas compridas e com tufo são terminadas no punho por tiras mais ou menos largas.

N.º 14—CASACOS PARA BÉBÉS—São geralmente bordados á mão, finamente, e mais ou menos trabalhados segundo o gosto pessoal; mas se bem que sejam carregados de rendas, estes casacos devem conservar sempre estas linha simples que o bom gosto aconselha e que tão bem ficam ás creanças. Devem fazer-se sempre em fazendas leves.

HA 50 ANNOS

Esta secção, que hoje iniciamos, tem por fim ir indicando aos nossos presados leitores os factos mais importantes que aconteceram no Porto ha meio seculo.

Certamente, ella deverá ser curiosa. Não que a segunda capital do reino se haja a tal ponto modificado, que esses successos, onde evocadores de typos e costumes, nos possam hoje parecer extraordinarios. Mas porque será a todos agradável — crêmol-o bem — a descripção d'esses acontecimentos, coevos do tempo em que se ceava a plena luz dos lustres no theatro de S. João, e os pesados, quasi medievaes carroções transitavam pelas ruas mal calçadas, levando no seu bojo as airosas donzellas que assim se transferiam para as brilhantes *soirées* da época.

São hoje as nossas avós, essas elegantes senhoras, cujos ultimos penteados á moda mal roubavam então o tom niveo das cans que hoje beijamos com respeito. E quem sabe quantos sorrisos — porventura quantas lagrimas da saudade! — poderá despertar a evocação d'essas longinquas recordações!

1 de junho:

Canta-se pela primeira vez, no real theatro de S. João, a nova opera de Reparaz — *Pedro o Cruel*, — que o *Jornal do Commercio* affiança ter sido escripta em vinte e tantos dias.

Os applausos dispensados no ensaio geral não se repetiram na estreia. A opera terminou sem o mais pequeno signal de approvação. Contudo — dizem os jornaes da época — não póde negar-se ao joven auctor intelligencia musical e arrojo, que deve ser animado.

4 de junho:

É concedido á Emprêsa do theatro lyrico o subsidio de dois contos de reis.

Eis o respectivo alvará:

Ministerio do Reino. — Eu El-Rei Faço saber aos que este Meu Alvará virem, que attendendo ao que Me representou Angelo Alba, empresario do Theatro de S. João da cidade do Porto, pedindo que se lhe adjudique o subsidio

legal de dous contos de reis, em relação á presente época theatral; tendo em vista as informações assim do Inspector geral dos theatros, e seu Delegado na cidade do Porto, como do Governador Civil respectivo, pelas quaes se verifica ter o supplicante empregado todos os meios para organizar regularmente, como organisou, uma companhia lyrica, que pudesse por seu merito artistico satisfazer aos desejos da auctoridade e do publico, tendo igualmente em vista a lei da despeza publica que vigora no actual anno economico: Hei por bem que seja adjudicado a Angelo Alba, na qualidade de empresario do theatro de S. João da cidade do Porto, o subsidio legal de dous contos de reis com relação á corrente época theatral. Pelo que Mando a todas as Auctoridades a quem o conhecimento d'este Alvará competir, que o cumprão e guardem, e façam cumprir e guardar como nelle se contém, depois de authenticado com o sello das Armas Reaes, e com o da causa Publica, e com a verba do registo nos livros da Inspeção geral dos theatros, e Governo civil do Porto. Pagou os direitos de mercê. — (Segue-se a data com as assignaturas respectivas).

Fuga de presos — Nesta noite, cinco presos arrombaram a prisão das Dôres, onde se achavam, e vindo ao salão da presidencia da Relação, lançaram um cabo á ultima janella, e por elle desceram, evadindo-se sem que a sentinella desse fé. Um dos presos estava sentenciado a degredo perpetuo, e o outro a degredo por 15 annos.

Nomeação — É nomeado vigario geral do bispado o rev. Miguel Joaquim Gomes Cardoso, conego da Sé d'esta cidade, bacharel em direito, que foi homem de vasta illustração.

Havendo casado, ainda estudante, pouco tempo depois falleceu-lhe a esposa. Este lancionante acontecimento compelliu Gomes Cardoso a abraçar a carreira ecclesiastica. Frequentou Theologia no seminario do Porto, onde se ordenou.

5 de junho :

Apresenta-se no governo civil, Luiz Velloso (o Quelhas), um dos fugitivos da cadeia da Relação. Confessou ter fugido porque os seus companheiros o obrigaram a ser o primeiro, não só com o receio que elle dêsse o signal de fuga, mas até para elles reconhecerem se a sentinella dava pela fuga. Como pedisse para não ser junto aos outros presos... recolheu ao segredo até que as authoridades concluíssem as indagações.

7 de junho :

Sahiu do templo da SS. Trindade a sua magestosa procissão, em boa ordem e aceio; acompanhavam-a grande numero de Irmãos; ás borlas do estandarte pegaram os Viscondes de Alpendurada, de Castro Silva e da Penna, e José Joaquim Pinto da Silva. Muitas das ruas do transito se achavam alcatifadas de verdes. Na rua do Bomjardim, apesar da manhã ter estado chuvosa, os cruzeiros achavam-se adornados. A concorrência do povo nas ruas do transito foi numerosa.

Realisa-se neste dia a romaria do Senhor da Pedra, que já então era muito concorrida. Bandos de romeiros atravessaram as ruas da cidade a pé, dançando e tocando. Outros, em gericos, lá iam estrada fóra, com seus farneis á garupa.

Apesar da manhã chuvosa, muitas das principaes familias da cidade concorreram á romaria, onde já nessa época os tumultos constituíam numero obrigado do programma... Houve um tambem essa tarde, a breve trecho serenado.

12 de junho :

Como corresse que no dia seguinte se acabava o mundo, as egrejas encheram-se de fieis, resolvidos a não morrer sem confissão.

As ruas encheram-se de gente, em cujos rostos pallidos se lia uma grande anciedade. Chegou a tal ponto o susto, que nos dias 12 e 13 a cidade não foi visitada por pessoa alguma das freguezias limitrophes, a ponto de não haver carreteiros para o serviço da alfandega. A policia, fez arrancar das esquinas alguns cartazes em que gracejadores de mau gosto annun-

ciavam o cataclysmo. Afinal o dia 13 rompeu formoso e sereno, mas quentissimo. E foi tudo... A maior parte dos portuenses só se deitaram á meia-noite, depois de terem adquirido a certeza de que a terra continuava no seu gyro...

17 de Junho :

Neste dia, o assumpto obrigatorio de todas as conversações foi um acontecimento picaresco, pela sua originalidade.

Foi o caso que José Ferreira Borges, mancebo de boa familia, ainda de menor idade, se tomou de amores por D. Maria Vieira, tambem menor, filha do Intendente da Marinha.

José Borges, loucamente enamorado, não pedia senão que o deixassem casar. A sua familia, porém, opunha-se tenazmente ao consorcio.

E' então que no tribunal competente apparece um requerimento da formosa donzella, requerendo... que o menor José Borges fosse retirado por justiça de casa de seus paes, a fim de poder unir-se pelos sagrados laços do matrimonio a ella requerente. O juiz deferiu, e na tarde d'esse dia o feliz mancebo foi depositado em casa de sua irmã, casada e moradora na rua do Breyner. Esta diligencia foi levada a effeito pelo juiz de direito da 1.^a vara, acompanhado do escrivão Sena.

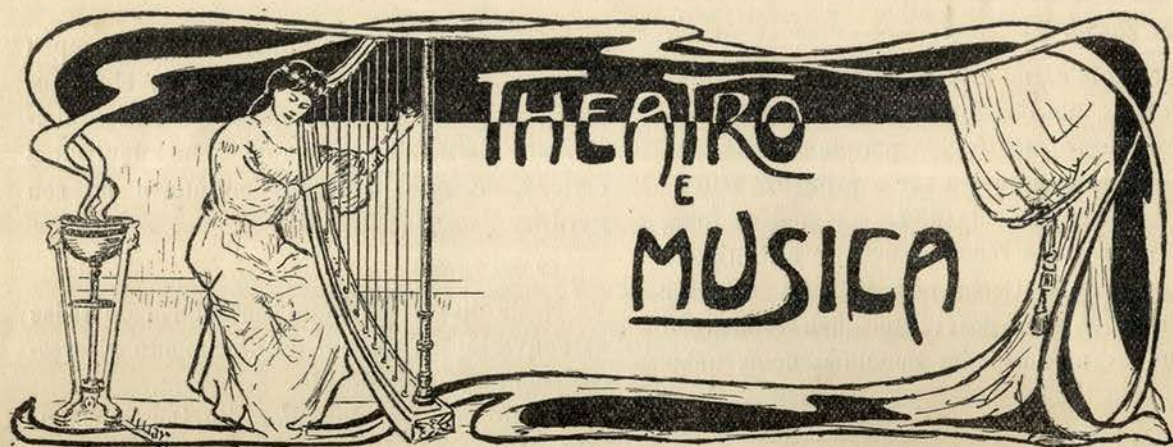
E' de crer que, ao abandonar a rua do Breyner, o magistrado recomendasse á fiel depositaria a maior vigilancia sobre seu irmão, para que elle pudesse ser entregue, mais tarde, á destemida noiva, em toda a integridade da sua innocencia...

24 de junho:

Esta noite, aproveitando as diversões do S. João, tentaram roubar a Administração do Correio d'esta cidade.

Os ladrões tinham-se introduzido de dia dentro do edificio e pelas 9 horas da noite passaram a arrombar o gabinete do Administrador, em quanto outros preparavam os meios de fuga; ao lançarem, porém, uma corda a uma janella, esta fez barulho, e o fiel deu fé, gritando por socorro. Os ladrões fugiram pela cerca, sem serem reconhecidos.

Os de hoje não teem muito mais talento e fazem o *trabalhinho* á luz do sol.



TEMA ANTIGO

Esta Anita Fontana, ave canora de inestimável preço, como as produz e alimenta o formoso céo da Italia, abateu, num giro d'arte, o vôo alteroso entre nós, e eil-a a alegrar com o encanto da sua voz e da sua mocidade as noites do Principe Real.

A mim avivou ella, no já encarquilhado espirito, uma idéa que ali anda de ha muito bulindo e ebulindo. E é que não ha arte grande e arte pequena; o que ha, mais exactamente, são artistas grandes e artistas pequenos.

Um exemplo que vale por muitos: Rossini, pontifice maximo da musica dramatica italiana. Da sua penna são « Guglielmo Tell » e « Barbiere di Siviglia ». Acaso terá elle duas artes, uma grande, quando tira do corne inglez e da flauta pastoril o *Ranx des baches*, outra pequena, quando dedilha, por mão d'Almaviva, o bandolim das serenatas?

É util saber que Beethoven — e este sabia qualquer coisa de musica — ao apresentar-se-lhe o « Barbeiro », exclamou: « Ora graças, que já este gaiato fez obra de geito! »

Outro exemplo, e este do grande revolucionario da opereta, Offenbach. Criticou-se acerbamente o genero, não houve maldades que não se lhe attribuissem. Elle pervertia o gosto, demo-

lia as instituições, caricaturizava a arte, o canto a instrumentação, tudo! E não obstante, — abominação da perversão! — não obstante, essa « Gran-duqueza de Gerolstein » obteve um enorme successo europeu. E informa um cronista do tempo (1867) que não só os espectadores vulgares, mas todas as classes da sociedade, reis, imperadores, principes e princezas, herdeiros dos mais bellos nomes, damas de alta distincção e delicadeza, dando-se a fantasia d'assistir a representações da « Gran-duqueza », não dissimulavam o seu entusiasmo!

Quem tinha razão — estes, os idolatras, ou aquelles, os iconoclastas?

*



ANITA FONTANA

Revertendo agora dos que pensam e criam, aos que executam e criam, tambem, na sua esfera d'ação, — o palco scenico. E, aqui, a documentação da tese é, além de multipla, flagrante e decisiva. Fizeram-a triunfalmente as gentis diabretes, estrellas feitas mulheres, que illuminaram a scena portugueza, — embriaguez dos olhos, encanto dos ouvidos, pura delicia dos corações. A' frente da pleiade, Anna Pereira, a Judic portugueza, e ao par d'esta ou no sequito, grandes e brilhantes como ella, Rosa Damasceno, Virgi-

nia, Lucinda do Carmo, Angela Pinto, Palmira Bastos, esta no zenith ainda da sua carreira luminosa.

Surde agora, flôr exotica e luxuriante, a remexer no rescaldo de idéas adquiridas e de impressões inapagadas, esta Anita Fontana, a quem tocou sorte parecida á de Cesar, seu antigo compatricio: *Veio, viu, venceu*. Como noutro logar annotei, e aqui reproduzo, não se sabe o que ella é mais, se um milagre da arte, se um milagre da natureza. Esvelta, gracil, a boca arqueada num sorriso, os olhos pondo auroras no rosto, promessas no ambiente, tentadores, irresistiveis quanto o podiam ser os de Eva acenando com o pomo a Adão.

A voz de soprano lirico central, finamente timbrada, modulando-a com facilidade, com voluptuosidade, com *câlinerie* genuinamente franceza. Vem de fazer a arte a que chamam grande — e aqui frisa o ponto capital — cantando opera. «Pois era pena — disse-o e repito-o convictamente — porque a arte pequena, tal como ella a realisa, é grande, bella, surprehendente». E tanto, que a sala do Principe Real applaudiu-a logo na romanza d'entrada, na opereta «Os Saltimbancos», e não houve duetto ou tercetto em que, tendo parte, não fosse victoriada com crescente entusiasmo.

Pura delicia e das mais autenticas.

O successo brilhantissimo da primeira hora não desmereceu nunca em nenhum dos seus trabalhos, — as qualidades da actriz primorosa dando realce aos dotes da prima-donna.

Verdadeiramente triumphal a noite da sua festa no teatro de S. João, a nossa primeira scena lirica. E ali, cantando duas romanzas, apparecendo numa como fulguração de todo o seu ser, — a *toilette* deslumbrante, os hombros nus, a fronte aureolada de graça, de talento, de formosura, de mocidade, — mostrou que era bem rainha e estava bem no seu reino. A sala saudou-a com frenesi, sobretudo ao ouvir-lhe a aria; *Vissi d'arte, vissi d'amore*, em que Anita Fontana, organização impressiva e emotiva, mettendo-se na alma torturada de Floria Tosca, dramatisou sentidamente, ornou, coloriu com propriedade, evidenciou-se grande artista, tão apta para calçar o alto coturno da opera, como o é para ajustar-se a modesta chinela da operêta.

Não é bem certo, já agora, d'uma certeza incontrovertivel, que não ha arte pequena quando os artistas são grandes?

JOÃO RAMOS

Companhia de D. Maria II

Numa serie de oito magnificos espectaculos, tivemos no theatro de S. João a excellente companhia do Normal, que na passada quinta-feira 30 de maio retirou para Lisboa. As recitas foram: Duas com *Os Inseparaveis*, uma com *O Avarento*, uma com *Leonor Telles*, tres com o drama novo para o Porto *Affonso d'Albuquerque*, fechando a serie com uma representação do *Frei Luiz de Souza*.

Nestas peças, as já conhecidas, continuaram a merecer geraes e justos applausos os principaes artistas, como Brazão e Ferreira da Silva, Augusto de Mello e Joaquim Costa, Adeline Abranches, Augusta Cordeiro, Cecilia Machado, Delfina Cruz, etc., artistas de ampla envergadura que sabem integrar-se, com inteira verdade, nas personagens cuja interpretação lhes

é confiada, sentindo-as, vivendo-as com uma altissima intuição, dando-lhes relevo intenso.

Do drama *Affonso d'Albuquerque*, novo, como já dissemos, para nós, diremos que é de grande apparatus scenico, desenhando-se com vigor as passagens do periodo historico a que respeita. Eduardo Brazão, *Affonso d'Albuquerque*, tem no ultimo acto d'este drama, um trabalho superior — a nosso ver o que salva a peça que, por vezes, decorre arrastada e monotona.

Os espectaculos — punge-nos dizel-o — foram frouxamente concorridos, o que é lamentavel, se attendermos a que, só uma curta temporada cada anno nos é dado entre nós, ver a arte de representar na sua verdadeira significação, traduzida por estes artistas e, infelizmente, por poucos mais, como Rosas e alguns de seus companheiros.

Associação dos Professores de Instrumentos de Arco

Foi brilhantissimo, obtendo extraordinario e justificado exito, o concerto que no theatro Aguia d'Ouro realisou em 29 do mez findo a Associação de Classe Musical dos Professores de Instrumentos de Arco do Porto, composta de 50 figuras.

Organisado com superior criterio artistico, o programma compunha-se de trechos de musica deliciosa, na execução da qual os distinctos artistas que formam a associação, mostraram quanto se tem cultivado, entre nós, o estudo da divina arte. Dirigido por um violinista notavel, o snr. Henrique Carneiro, que ao presente substitue um seu collega não menos illustre, o snr. Moreira de Sá, o concerto teve accentuado cunho de arte superior e a assistencia, numerosa e selecta, premiou com largas e calorosas ovações essa brilhante pleiade de artistas que tão singularmente destacam no nosso meio musical.

A Henrique Carneiro cabem especiaes louvores, pois em grande parte se lhe deve o exito

obtido. Compreendendo a competencia do illustre professor, as muitas pessoas que assistiam ao concerto e em tantas vezes teem apreciado quanto elle vale, como violinista insigne que é, temunharam-lhe o seu apreço chamando-o repetidas vezes e applaudindo-o com enthusiasmo.

O quinteto em *sol maior* executou primorosamente o «Nocturno de Mozart» e «A primavera», de Grieg. Seguiram-se duas paginas de musica do distincto compositor brasileiro Barroso Netto, bellamente interpretadas pela orchestra. Depois executaram-se, tambem com notavel correcção, a «Elegia», de Busch; «Musica Funebre», da «Zenobia»; «Menuetto», «Paz Nocturna», «Antiga canção scandinava» e «Marcha da Paz», da «Zanobia».

Por ultimo a Gavotte, da serenata op. 72, de Hofmann, e a

Rapsodia de melodias portuguezas, de Moreira de Sá.

O interessantissimo concerto deixou, em todos, magnifica impressão.



HENRIQUE CARNEIRO

Director da orchestra da Associação
dos Professores de Instrumentos d'Arco



AMORES D'INFANCIA

— A' memoria querida de Almeida Garrett —

Da vida, aurea quadra aquella
Em que eu li—lembra-me bem—
O romance da janella
Do valle de Santarem!...

Como era quasi creança,
Era-me a vida uma Esp'rança
Cintando o ceu de arreboses...
E do que na escola lia
Só na mente me sorria
A Dama dos Rouxinos...

Foi assim, meu bom Garrett,
Que eu te ergui um altar na alma,
Como se ergue ao sol a palma
Nos areaes de Bersabé...

Fez-me chorar a saudade
Que tu sentiste, ao cantares
Os amores de Camões...
Solta as tranças cõr de jade
Nathercia, nos seus sonhares,
Amortalhada em canções!

Desde então, p'ra mim Garrett,
Com Camões e João de Deus,
É como a escada da Fé
Por onde a Alma sobe aos Ceus...

GONÇALVES CEREJEIRA.

CASOS DO MEZ

INAUGURAÇÃO DO SANATORIO SOUSA MARTINS

Com a assistencia de el-rei e da rainha sr.^a D. Amelia, inaugurou-se solemnemente, no dia 18 do mez findo, na Guarda, o Sanatorio Sousa Martins.

Vestiu galas, a velha cidade: arcos triumphaes, festões, bandeiras, galhardetes, colchas de seda pendentes das janellas, tudo imprimia á historica povoação um aspecto brilhante, raras vezes observado, e que foi especialmente apreciado pelos povos das freguezias ruraes, que ali accorreram em numero superior a 10.000.

Era simples, mas de acurado bom gosto a decoração do sanatorio. Festões de buxo e hera, uma cruz dupla formada de flores vermelhas, e um amphitheatro destinado ao orpheon infantil e armado em frente ao pavilhão n.º 2, em cuja primeira galeria se realisou a solemnidade da inauguração. A meio d'essa galeria, e ao cimo de uma escada de pedra, um estrado alcatifado de vermelho, sobre elle um buffete e por detrás um espaldar formado por uma valiosa colcha amarella e um escudo com emblema da assistencia. Recordando Sousa Martins, estavam, applicadas á grade da galeria, as iniciaes S. M., feitas em malmequeres brancos.

Nos pavilhões do novo hospital da Misericordia, que tambem foi inaugurado, não havia decoração alguma: apenas se levantou um estrado, com espaldar e buffete, para a assignatura do auto.

A CHEGADA DOS SOBERANOS

Quando o comboio real chegou á estação da Guarda, que dista 5 kilometros da cidade, immediatamente o elemento official se dirigiu a cumprimentar



DR. SOUSA MARTINS

os soberanos, lendo o presidente da camara municipal uma mensagem de saudação. Feitos os cumprimentos, organisou-se o cortejo, á frente do qual marchava um pelotão de cavallaria, em guarda avançada, seguindo-se grande numero de carruagens com as auctoridades, convidados e representantes da Assistencia; depois a carruagem real, ladeada, á esquerda pelo general de divisão sr. Almeida Pinheiro e á direita pelo commandante da 4.^a brigada de infantaria sr. João Chrisostomo Franco, estado maior, etc., etc.

Sobre os muros das propriedades que marginam a estrada, os camponezes olhavam curiosamente para o cortejo, saudando respeitosamente os soberanos.

A cidade, quando o cortejo ali entrou, offerecia um aspecto pittoresco. O povo premia-se nas ruas, dependurava-se dos muros, debruçava-se dos terraços e quintaes. As janellas, pejudas de formosissimas senhoras em toilettes claras, offereciam tambem um lindo aspecto. Sobre a carruagem real eram lançadas nuvens de flores.

Os soberanos apearam-se no atrio da igreja da Misericordia, onde eram aguardados pelo rev.^{mo} arcebispo-bispo, e encaminharam-se debaixo do pallio para o altar-mór. Ali celebrou-se um solempne Te-Deum, a que assistiu tambem a comitiva.

A Rainha sr.^a D. Amelia recebeu no templo os cumprimentos da sr.^a condessa

das Alcaçovas que acompanhava sua filha, já em tratamento no sanatorio.

Do templo da Misericordia, acuja entrada estava a tuna da academia

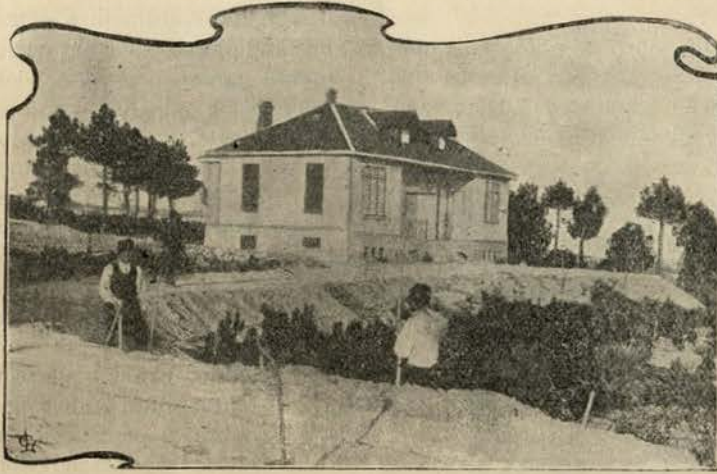


DR. LOPO DE CARVALHO
Director do Sanatorio Sousa
Martins

com o seu estandarte, seguiram os soberanos e convidados para o sanatorio onde eram esperados pelo pessoal do estabelecimento que tinha á frente o sr. dr. Lopo de Carvalho.

O ACTO INAUGURAL — OS DISCURSOS

Uma vez toda a comitiva na galeria do pavilhão n.º 2, o sr. arcebispo-bispo lançou a benção á obra do sanatorio, segundo o



UM ASPECTO DO SANATORIO DA GUARDA

ritual e, como presidente da delegação da Assistencia na Guarda, leu uma eloquente allocução, saudando a rainha, enaltecendo a obra philantropica contra a tuberculose e pondo em relevo a trilogia dos monumentos da Guarda, que symbolisa tudo quanto torna grande um povo: a cathedral, joia architectonica, symbolo da fé; o castello, historico padrão, symbolo do patriotismo; o sanatorio, symbolo da caridade.

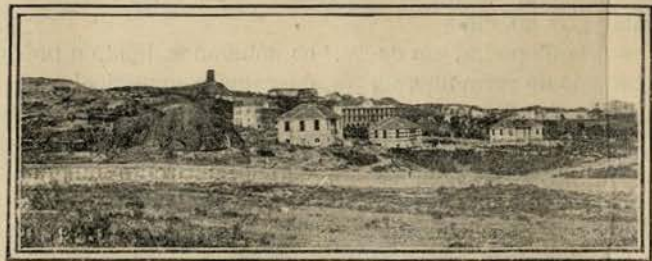
O illustre prelado concluiu prestando homenagem á rainha e ao sr. dr. Lopo de Carvalho, o qual seguidamente usou tambem da palavra saudando a soberana e enaltecendo a obra da Assistencia. Alludindo depois aos processos de tratamento da tuberculose, disse:

«E' longo e arido o caminho a percorrer; o problema quanto mais se estuda e medita tanto mais complexo se nos apresenta, apesar do aperfeiçoamento progressivo dos nossos methodos de analyse e processos de investiga-

ção. Parece que por um accordo tacito de todos, nós, os medicos, desfeita a ultima illusão therapeutica, nos voltamos para esta nova sciencia que se chama hygiene, na esperança de que ella dê a solução pedida, robustecendo a raça, impedindo a propagação do germen e curando o doente. E, sob este triplice ponto de vista, é ainda no momento actual o sanatorio que melhor realisa este desiderato. Seja qual

fôr o futuro que os desideratos scientificos assignalem ao problema, o sanatorio ficará sempre triumphante, como uma grande escola de efeitos praticos, immediatos e de verdadeira educação higienica de que tanto carece o nosso povo.

«E' ahi onde serenamente Brehmmer póde e deve ser applicado; é ahi onde o doente apren-



VISTA GERAL DO SANATORIO DA GUARDA

de a executar conscientemente as regras praticas da hygiene: é de lá que o tuberculoso sae frequentemente curado, e cada doente que cura é tambem um mestre e um apostolo da propagação higienica, pois onde fahou

o medico e o medicamento, elle viu triumphar a natureza e a hygiene, que lhe cicatrizaram as lesões profundas dos seus pulmões, rejuvenescendo para a vida e para o trabalho pelo simples poder do ar puro que respirou, da luz do sol que o illuminou e da alimentação e do repouso physico e moral que o sanatorio lhe deu ».

Depois, recordou o nome illustre de Sousa Martins, sob cuja egide se encontra o sanatorio, e proseguiu.

«Ao pensar bem na responsabilidade que contrahi, concorrendo no que pude para a realisação d'esta grandiosa obra, certo e convencido dos resultados beneficos que d'ella advirão, parece-me sentir serenar a minha consciencia com a evocação do nome do saudoso medico, que foi sempre um bom e um justo, cujo espirito superior não nos abandonará, orientando-nos e illuminando-nos nos trabalhos a realizar e na nossa missão a cumprir ».

Teve depois a palavra o sr. dr. D. Antonio de Lencastre, que leu uma allocução-relatorio, na qual começou por dirigir uma fervorosa saudação á memoria de Sousa Martins, cujo nome a rainha sr.ª D. Amelia havia escolhido para aquelle sanatorio.

O illustre secretario geral da Assistencia, espraçou-se, seguidamente, em considerações tendentes a demonstrar que na questão da tuberculose ha dous elementos a ponderar: bacilo e meio social e semente e terreno.

Fez ver as vantagens dos sanatorios, apontando notas estatisticas colhidas por Gebhard nos diferentes sanatorios allemães, no anno de 1899-1900. Concluiu fazendo um agradecimento a todos os que cooperaram no sana-

torio que estava sendo inaugurado.

*
* *

Findo o acto inaugural, os soberanos percorreram o vasto recinto, que occupa 27 hectares, apreciando muito o panorama que d'ali se disfructa. Do alto das colinas e das galerias do edificio do sanatorio domina-se um horizonte vastissimo, circumscripito pelas planicies de Hespanha, no termo da Serra da Gatta, a elevação central do Marão e os mais elevados pincaros da Serra da Estrella.

*
* *

Os monarcas retiraram no mesmo dia para Lisboa, sendo-lhes feita uma carinhosa despedida na gare do caminho de ferro. Antes, haviam dado recepção, no sanatorio a todo o elemento official e ás principaes familias da Guarda.

DR. RODRIGUES ALVES

De passagem para Londres esteve no dia 22 do mez findo, em Lisboa, acompanhado de seus filhos, o sr. dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, ex-presidente da Republica do Brasil e um dos vultos mais notaveis d'aquelle florescente paiz.



O DR. RODRIGUES ALVES, ex presidente da Republica do Brasil e SUA FAMILIA

A visita do illustre brasileiro foi gratissima para todos os portuguezes. E nas poucas horas

que sua ex.^a se demorou na capital, teve occasião de perceber quão sinceramente são estimados, no nosso paiz, os vultos que mais se tem distinguido nas letras, nas artes, ou na politica da grande Republica, á qual nos prendem laços de intimo affecto, e que mais e mais se vinculam no decorrer dos annos.

Não é a primeira vez que os chefes do Estado da nação brasileira visitam Portugal. D. Pedro I veio implantar entre nós o regimen da liberdade, foi tambem rei dos portuguezes e aqui morreu, legando o seu coração á cidade do Porto que o guarda religiosamente no templo da Lapa.

D. Pedro II, o saudoso monarca, visitou tambem o nosso paiz demoradamente, travando relações com os homens mais notaveis na litteratura portugueza. Mais tarde, quando destronado, cá voltou, visitando tambem o Porto, onde passou pelo desgosto de perder a sua consorte, a imperatriz Thereza.

Campos Salles e Manuel Victorino, o primeiro já depois eleito presidente da Republica e o segundo na effectividade do cargo de vice-presidente, vieram tambem a Portugal, sendo recibidos com as maiores demonstrações de sympathia.

Coube agora a vez ao sr. dr. Rodrigues Alves, que tem devotada estima pelo nosso paiz, que

é tambem o seu, por assim dizer, pois que o illustre brasileiro é filho de um portuguez natural de

Ponte do Lima, onde ainda tem familia.

O sr. dr. Rodrigues Alves tem uma brilhantissima folha de serviços: collaborando activamente na organização do sistema republicano brasileiro, foi eleito presidente do Estado do Pará, que mais tarde representou em côrtes. Por duas vezes occupou a pasta da fazenda, depois do que foi eleito senador, do Pará, por 35.000 votos. Finalmente, no dia 1 de março de 1902, era eleito presidente da Republica.

Quando o illustre cidadão brasileiro desembarcou em Lisboa,



Doas alumnas do Lyceu de Lisboa aclamadas pelas collegas á sahida d'uma reunião.

recebeu os cumprimentos do governo e de varias collectividades, incluindo os da camara de Ponte do Lima, que telegrafou ao deputado por aquelle concelho, pedindo a representasse nas manifestações, Sociedade de Propaganda de Portugal, a Liga Naval, a Associação da Imprensa, a Camara Municipal de Lisboa etc., entregaram ao sr. dr. Rodrigues Alves uma mensagem de boas vindas, primorosamente redigida, enaltecendo os laços de intima fraternidade que liga o Brasil a Portugal.

Na sua rapida visita a Lisboa, o sr. presidente dos Estados Unidos do Brasil foi acompanhado por muitas pessoas gradas, entre ellas o sr. dr. Alberto Fialho, ministro d'aquelle Republica em Lisboa, que lhe offereceu, na legação, um almoço intimo.

Ao retirar-se para bordo do « Aragon », com destino a Inglaterra, o sr. dr. Rodrigues Alves manifestou o seu reconhecimento pelas subidas provas de consi-

deração affectuosa de que foi alvo e prometeu visitar mais demoradamente o nosso paiz, indo então a Ponte do Lima.

EDUARDO AUGUSTO VIDAL

Falleceu em Lisboa, no dia 21 de maio ultimo, com 66 annos, o antigo escriptor e notavel poeta Eduardo Augusto Vidal, socio da Academia Real das Sciencias.

O illustre extincto fôra em tempo, uma das figuras de mais realce no nosso meio litterario. As suas poesias, de uma encantadora singeleza, impeccaveis na fôrma e no conceito, tinham alguma coisa do lyrismo suavissimo de Musset. Nos salões, nos theatros, em toda a parte onde se cultivasse o gosto pela litteratura, as producções poeticas de Eduardo Vidal eram sempre recebidas com applauso; e, por mais de uma vez, artistas distinctos houvêram de bisar, em recitas de caridade, alguns d'esses deliciosos versos que a sua inspiração produziu.

Deixa muitos trabalhos de valor, dispersos em revistas litterarias, tendo tambem collaborado em varios jornaes como o « Correo da Manhã », « Diario Popular », « Diario Illustrado » e outros. Publicou tres livros de versos, « Crepusculos », « Folhas Soltas » e « Cantos do Estio », e um em prosa que tituló « Contos da Sesta ».

Eduardo Augusto Vidal, era inspector superior das alfandegas e fôra agraciado com a carta de conselho. Deixa viuva e duas filhas, ás quaes, bem como á demais familia enluctada, enviamos condolencias.

EXPLOÇÃO E INCENDIO NUMA OFFICINA DE PYROTECHNIA

No dia 7 do mez findo deu-se uma terrivel explosão de fogo de artificio n'uma officina de pyrotechnico, situada nas trazeiras de um predio da rua do Alvito, em Alcantara, Lisboa. Essa officina, pertencente aos srs. José Ferreira



A officina de pyrotechnia depois da explosão

de Faria e Jacinto Pablo, constava de 4 barracões. Num d'elles trabalhavam, ás 11 horas e meia da manhã, Luiza da Conceição Moreira e uma rapariga de 20 annos, de nome Maria de Nazareth.

A operaria Luiza, que contava 42 annos e era natural de Mafra, foi logo victima da explosão, encontrando-se depois o seu cadaver horriavelmente deformado.

a porta; mas tropeçou nuns caixotes e caiu. Como as chammas se lhe tinham communicado aos vestidos, ella, louca de medo, levantou-se e correu, transpondo a porta precisamente quando o fogo invadia já todo o barracão. Mas, sentindo dôres horribes nas costas e pernas, produzidas pelas chammas que lhe lambiam os vestidos, caiu desmaiada. Valen-



o Sñr JORGE BURNAY E SUA ESPOSA, em automovel na Batalha de Flores, de Lisboa

quanto á Maria, ouvindo o estampido, largou immediatamente o trabalho e encaminhou-se para

do-lhe um operario fogueteiro de nome Augusto Amadeu, que, vendo a rapariga naquelle estado,

correu a abafar-lhe o vestido, conseguindo extinguir as chamas.

A esse tempo chegavam os socorros publicos, trabalhando os bombeiros denodadamente, até á extinção do incendio.

Os prejuizos avaliam-se em 1:500\$000 reis.

BATALHA DE FLORES EM LISBOA

Referiram-se os jornaes, largamente, á batalha de flôres que no mez findo se realiso no Cam-



Um dos automoveis mais artisticamente enfeitados na Batalha de Flores de Lisboa

po Grande, em Lisboa, e que tanto exito conquistou entre a sociedade elegante da capital, pelo brilho que revestiu.

Na interessantissima diversão tomaram parte grande numero de carruagens e automoveis, linda-



S. Magestade a Rainha na Batalha de Flores de Lisboa

mente enfeitados. Damos a gravura da carruagem em que ia sua magestade a rainha D. Amelia e a do automovel pertencente ao sr. Jorge Burnay.

DR. BERNARDINO MACHADO

Causou funda sensação a noticia de que o illustre professor sr. dr. Bernardino Machado, uma das

mais brilhantes e prestigiosas figuras da democracia portugueza:



DR. BERNARDINO MACHADO

se demittira do logar de lente de filosofia, na Universidade de Coimbra.

Caracter de fina tempera, o sr. dr. Bernardino Machado impõe-se ainda á simpatia de todos pelo seu natural talento, realçado por uma illustração vastissima. Escriptor distinctissimo, orador primoroso e pedagogo insigne, a sua passagem pela Universidade fica para sempre assignalada no espirito dos que tanto aproveitaram com as suas lições sabias e com o seu nobre exemplo.

CONSELHEIRO TELLES DE VASCONCELLOS

Falleceu em Lisboa, na tarde de 13 de Maio passado, o conselheiro Antonio Telles Pereira de Vasconcellos, par do reino, juiz do Supremo Tribunal Administra-



CONSELHEIRO ANTONIO TELLES PEREIRA DE VASCONCELLOS

tivo e ministro de estado honorario.

O illustre extinto conseguiu evidenciar-se pela nobreza de ca-

racter e por um espirito intelligente e culto, que puzera sempre ao serviço das causas justas. Por isso causou fundo pezar a noticia da sua morte, não apenas entre a familia, que o adorava, como entre os muitos e dedicadissimos amigos que soubera conquistar.

O conselheiro Telles de Vasconcellos era natural de Bouças, concelho de Arouca, e contava 74 annos. Formando-se em direito pela Universidade de Coimbra e entrando para a vida politica, foi eleito deputado pela primeira vez em 1858 e reeleito successivamente até 1882 pela Guarda. Neste anno deu entrada na camara alta.

Em 1892, sendo chefe do governo o sr. conselheiro Dias Ferreira, foi-lhe confiada a pasta da fazenda, tendo assumido tambem a do reino, quando o sr. Dias Ferreira foi a Madrid, por occasião



ACTOR FRANCISCO SALLES, do theatro da Avenida. Lisboa, colhido por um automovel e fallecido no dia seguinte.

das festas do centenario da descoberta da America.

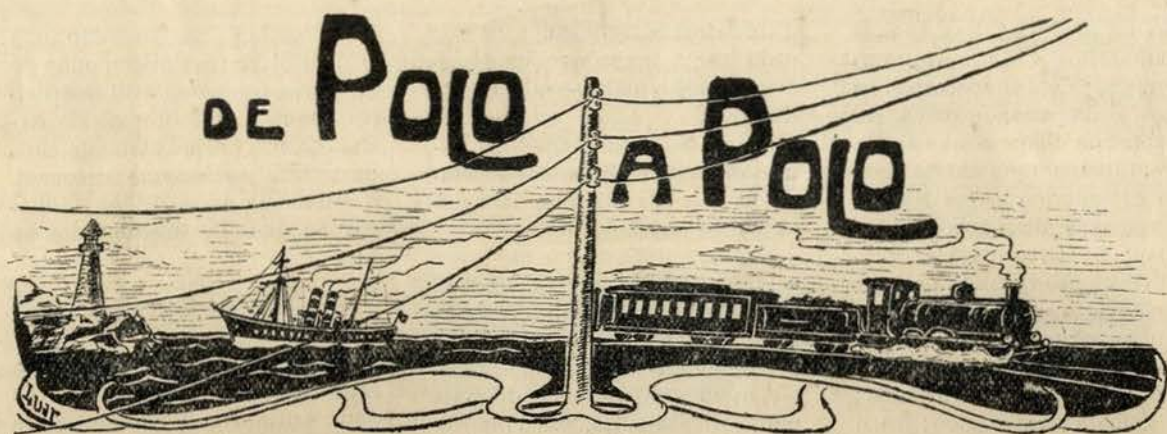
O illustre finado era presidente da commissão revisora de contas. Exerceu os cargos de presidente da Camara dos Pares e de vice-presidente do conselho de administração da Companhia Real. Era socio da Sociedade de Geographia.

Entre outras condecorações estrangeiras, possuia a gran-cruz de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia, de Carlos III de Hespanha, a commenda de Francisco José da Austria, etc.



Clichés de Eduardo Braga

- 1.º — Conde d'Azeredo, José d'Azevedo Castello Branco e Wenceslau de Lima.
- 2.º — Alberto Navarro, Conde de Castro e Solla, Dias Costa, Pereira Lima e Antonio Centeno.
- 3.º — Conde de Castro e Solla, Dias Costa e Moreira Junior.
- 4.º — Conde Castello de Paiva, Antonio Tavares Festas, Alfredo Pereira, Francisco José de Medeiros e Arthur Montenegro.
- 5.º — Teixeira de Sousa, Cabral Moncada, José de Alpoim, João Pinto dos Santos, Conde de Paçô Vieira e Campos Henriques.
- 6.º — Conde de Bertandos e Conde de Paçô Vieira



O DESMORONAMENTO DO PHAROL DE COUBRE

Na noite de 20 para 21 de Maio desabou, na Girona, o pharol de Coubre, ha muito tempo condemnado já, sem serventia alguma por não ter o seu respectivo aparelho d'optica e conservando uma simples torre inutil e ameaçadôra.

Este perigoso ponto da costa era primitivamente indicado por uma lanterna collocada num

ral e funcionando o dito aparelho ha tres dias apenas, eis que o oceano, revoltado, avança numa atterradôra ameaça e é em vão que o homem procura impedir-lhe a passagem, com todos os seus effeitos destruidôres.

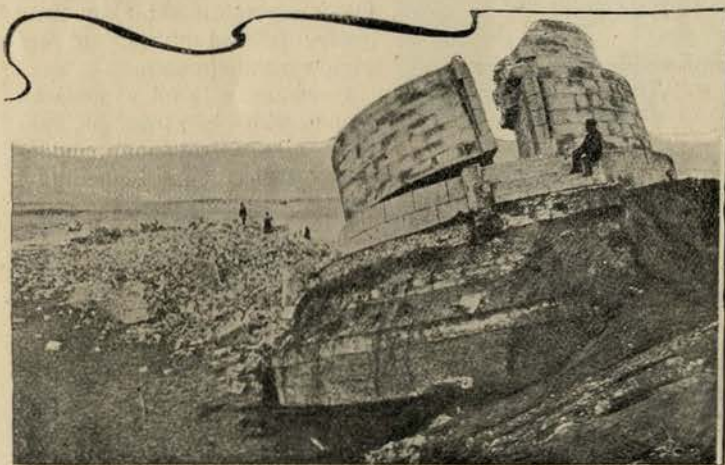
Hoje que um novo pharol foi construido, o desmoronamento do de Coubre, sem desastres pessoases, é mais um *chamariz* para os *touristes*, que se poderão extasiar deante d'aquellas ruinas — a prova indiscutivel da força

no d'aquella nação. A cerimonia foi revestida de grande pompa.

A galeria do palacio real estava luxuosamente ornamentada com tapetes e cortinados magnificos. A pia baptismal de S. Domingos de Gusmão, coberta com um docel bordado a ouro, fôra collocada no meio da capella real; em frente ao altar-mór puzeram-se duas mesas com tapetes bordados a ouro e uma outra do lado do Evangelho, destinada ao officiante. Na capella havia tambem tribunas occupadas pelos ministros e esposas, pelas damas da rainha e por grande numero de convidados.

Na ante-camara da rainha, estavam, sobre tres mesas especiaes e collocados em salvas de ouro, os objectos que deviam servir para o baptismo. Nesta mesma ante-camara tinham-se reunido os chefes do palacio, os grandes de Hespanha, bem como as pessoas que deviam formar o cortejo real, estando tambem o sr. infante D. Affonso, duque do Porto, o representante do Pontifice, a madrinha e outros membros da familia real hespanhola.

Os chefes dos serviços do palacio esperavam o cortejo na capella, onde tambem se encontravam o clero e altos dignitarios religiosos incumbidos de conduzir os soberanos aos seus logares. Num dado momento, ouviu-se uma salva de artilharia e logo o mordomo de semana annunciou aos convidados a proxima chegada do cortejo, que vinha assim organizado:



O pharol de Coubre, desmoronado em 21 de maio

poste de madeira sobre um alto recife, construindo-se em 1893 o pharol de Coubre, elevado sessenta metros acima do nível do mar, com uma potencia luminosa de cincoenta milhões de velas, alcançando cincoenta e seis milhas (104 kilometros). A costa, porém, onde elle se erguia é uma das mais variaveis do novo litto-

gigantesca d'esse colosso que tudo destroe: — o mar.

PRINCIPE DAS ASTURIAS O SEU BAPTISADO

Realizou-se em 18 de maio passado o baptismo do principe das Asturias, filho do rei Affonso XIII de Hespanha e herdeiro do thro-

Á frente dois maceiros; depois os camareiros e os mordomos de semana; dois maceiros, dois arautos de armas, grandes de Hespanha de chapéus na cabeça e o gentilhomem grande de Hespanha em serviço a Sua Magestade naquelle dia, dois arautos d'armas; os sete camareiros grandes d'Hespanha levando pela ordem seguinte os objectos que deviam servir no baptismo: 1.º o saleiro e o algodão em rama; 2.º a touca; 3.º o gomil com agua; 4.º a galheta com o oleo; 5.º o lenço; 6.º a vela; 7.º o pão bento.

No cortejo, á frente do neophyto, tinham tomado logar os cardeaes hespanhoes, os tres infantes Affonso de Bourbon, Affonso de Orleans e Carlos de Bourbon.

Em seguida vinha o recém-nascido nos braços da aia; á sua direita o cardeal Rinaldi, nuncio em Madrid, representando o Papa, padrinho, e á esquerda a madrinha, a rainha-mãe Maria Christina e o rei Affonso XIII.

Seguiam-se depois o archiduque Eugenio, o duque do Porto, Arthur de Connaught, Frederico Leopoldo de Hohenzollern, as infantas Eulalia e Isabel, a princeza Beatriz de Battenberg, os principes Reviero e Philippe.

Em seguida vinham o duque de Sotomayor, chefe superior do palacio, os primeiros mordomos, o Marquez do Pacheco, general-commandante dos alabardeiros, don José de Bascaran, chefe da casa militar; as camareiras-mores das infantas e as da rainha; o sub-commandante e os officiaes dos alabardeiros com a musica d'este corpo real.

Principiou então a cerimonia, occupando os padrinhos os seus logares. O cardeal officiante, Sanchas, primaz das Hespanhas, entou um *Te-Deum*, que foi executado pelos cantores da capella real.

O rei Affonso XIII impoz, na capella, ao principe das Asturias os collares do Tosão de Ouro de Carlos III e a gran-cruz de Isabel a Catholica.

MESA DE PRATA

Em uma das mais conhecidas ourivesarias de Londres, acabam

de fabricar uma mesa para sala de jantar, que accomoda 8 pessoas, sendo o macisso movel todo de prata.

Ninguem extranhará tão extraordinaria encommenda sabendo-se que ella foi feita para um poderoso Rajah da India.

Não ha noticia de que até agora se tenha construido um objecto tão maravilhoso do mencionado metal, nem mesmo para capricho dos opulentos nababos orientaes.

A mesa, que é redonda, do mais puro estilo Imperio, tem 6 metros de circunferencia e é sustentada por quatro pés tambem de prata macissa. A superficie plana superior é uma magnifica peça de marmore siciliano a que se sobrepõe outra de prata, ao pôr a mesa. Na sua construção empregaram-se mais de quatrocentas libras da melhor prata esterlina, e o seu preço é de algumas dezenas de contos de reis. O mesmo freguez mandou fazer tambem 3 duzias de chavenas para café, de ouro esmaltado e adornado com perolas.

OS VITICULTORES LANGUEDOCIANNOS EM CARCASSONE

A manifestação dos viticultores do Meio Dia da França em Carcassone, foi mais gigantesca ainda que a de Rézieres e Perpignan. Altiava por recebel-os nos seus muros famosos, a velha ci-

O cortejo dirigiu-se então para o quartel de cavallaria, onde se realisava o *meeting*. Alli, Marcelin Albert, o promotor d'esta extraordinaria cruzada viticola, produziu um vehemente discurso, arrebatando a assembléa e inflando de entusiasmo todos os espectadores.

HOMENAGEM A UM SABIO

O imperador da Allemanha abriu uma subscrição entre os seus « primos » monarchas, para levantar uma estatua a Sua Alteza o Principe de Monaco, que persistentes estudos e admiraveis trabalhos vieram collocar na vanguarda dos sabios contemporaneos. O nosso rei, o imperador d'Austria, o czar, o rei d'Inglaterra, os reis de Italia e da Suecia, emfim, todos os soberanos da Europa, apressaram-se a subscrever.

O principe de Monaco mandou construir, perto do seu palacio, num rochedo que domina o mar, um museu e um aquario destinados a receber a fauna e a flora das misteriosas profundidades dos oceanos: e é ahi, no enorme vestibulo d'esse museu, que será erigido o monumento.

A maquette já foi exposta ao publico. Em pé, o principe, vestindo o uniforme de commandante de bordo, com o binoculo na mão, encosta-se á ponte do yach



O organisador do *meeting*, pronunciando o seu discurso

dade tinha-se engalanado como para uma festa e era d'um effeito deslumbrante o immenso cortejo das delegações das outras terras de França.

Princeza Alice, e, pensativo, olha o mar.

A obra é do esculptor Denis Puech, que acompanhou o principe, em um dos ultimos cruzeiros

no Mediterraneo. O artista tomava parte nas emocionantes partidas de caça á baleia, e, nas horas de descanso, tomava croquis e notas d'album.

ELLEN TERRY

Esta celebre actriz ingleza, que conta 59 annos, acaba de casar com um actor americano, James Carew, que tem 32 annos.

É a terceira vez que a grande comediante contrahe matrimonio.

Foi primeiro casada com o illustre pintor Weitts, sendo o segundo marido o actor Waldell, bastante conhecido.

Ellen Terry e James Carew uniram-se secretamente em Pittsburgo (Estados Unidos) a 22 de março ultimo.

UM MINISTRO EM BALÃO

O snr. Leão Barthout, irmão do ministro das obras publicas de França e director do seu gabinete, é um aeronauta apaixonado e um dos pilotos do ar mais experimentados na actualidade. Membro do Aereo-Club, tem já feito numerosas e brilhantes ascensões.

No dia 26 de Maio, acompanha-

altura e, impellido por um ligeiro vento de oeste, atravessou Paris e passando sobre a Avenida de Autin, onde habita Luiz Barthout foi cahir em Fére, Sisne.

UMA ASSOCIAÇÃO ORIGINAL

Os musicos ambulantes, os estropiados, os cegos, os que vivem da caridade publica, acabam de organizar em Marselha uma associação para a defesa dos seus interesses. A nova aggremação é presidida por um côxo, tendo por secretarios um manêta e um corcunda.

A este proposito o «Figaro» inventa uma reunião em que os

braços, que se deixára ficar muito quieto no seu lugar, irrita-se, ergue-se e grita:

— Irra! Acabem lá com isso, senão ponho-os na rua á bofetada!

E a reunião termina com a seguinte observação do cego:

— Assim não se pode discutir: vejo-os tão zangados que o melhor é ficar a discussão adiada.

— Muito bem, apoiado, exclama o mouco. . . —

O MONUMENTO DE BARTHOLDI, EM COLMOR

Inaugurou-se ultimamente em Colmor, na Avenida do Chateau



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE BARTHOLDI, EM COLMOR

associados discutem um assumpto de importancia para a classe. A assembléa está agitada. O presidente, de campanha na mão, pede ordem:

— Qual ordem nem qual diabo! grita um sujeito que tem só uma perna. Eu cá, se se fizerem finos comigo, corro-os .. a pontapés!

— E eu, exclama um preopinante sem braços, vou a elles e ralo-os... a murros!

— Prudencia, senhores, e vejamos as coisas com clareza, propõe um cego.

— O melhor é ouvirmos os que nos arguem, diz o surdo.

— Apoiado, muito bem, grita um surdo-mudo. Torna-se tumultuosa a assembléa. Aggridem-se varios socios. Em vão o presidente, procura estabelecer a ordem. De repente, o preopinante sem

d'Eau, o monumento elevado por meio d'uma subscrição alsaciano-franceza, ao mallogrado Augusto Bartholdi, fallecido em 1904.

Esta homenagem foi merecidissima, porque Colmor contraheu uma divida de gratidão com o extraordinario escultor, autor de varias allegorias patrioticas que tanto popularisaram o seu nome, especialmente o *Leão de Belfort* e o *Monumento de Bâle*, recordando o acolhimento hospitaleiro feito pela Suissa em 1870, aos habitantes de Strabourg bombardeado.

UM CÃO... POLICIA

Um telegramma de Vienna, inserto nos jornaes ingleses, noticia a chegada áquella cidade de um cão... policia, que tem gran-



Uma ascensão do ministro do trabalho. No momento da partida

do de seu irmão Luiz Barthout, Mrs. Grosdidier, deputado, e Lamiraul, chefe do gabinete do ministro das Obras Publicas — o balão Excelsior subiu a pequena

de reputação na Allemanha e na Austria.

Este extraordinario animal, que já descobriu dous assassinos a quem a policia tinha perdido a pista, possui um alfacto tão apurado, que a grande distancia pôde seguir o rastro de qualquer pessoa. A sua primeira façanha consistiu em encontrar uma mulher que tinha desaparecido.

Harras — assim se chama o famoso cão — foi encerrado durante tres dias no quarto d'essa mulher. Logo que o puzeram em liberdade, correu através dos campos e lançando-se a um rio, tirou do fundo o cadaver d'uma mulher, que depositou na margem.

Harras distingue-se tambem por haver descoberto o assassino de uma creança de oito annos, tres dias depois de praticado o crime, e pela prisão de um carpinteiro chamado Schulz, accusado de ter dado a morte a uma criada.

O cão... policia, que é de pura raça allemã, vae ser apresentado aos membros da familia imperial da Austria.

UM HOTEL MONSTRO NO RIO DE JANEIRO

Algumas companhias estrangeiras, que dispõem de grandes capitaes, propuzeram ao governo do Brazil a construcção de um grande hotel no Rio de Janeiro. Esse hotel terá de 200 a 300 quartos com todo o conforto moderno, e o pessoal será europeu.

As companhias para a realisacção do projecto pedem concessão de terrenos na Avenida Central e extincção de direitos do material de construcção e do mobiliario que se importe.

Ao cabo de 60 annos o hotel passará a ser propriedade do governo.

AS NUPCIAS DE OURO DO REI OSCAR

O rei Oscar e a rainha Sophia, da Suecia, celebrarão as suas nupcias de ouro a 6 de junho.

O Rei deve retomar, antes d'essa data, a direcção do gover-

no que entregára ao filho, em razão do seu estado de saude.

O povo sueco, como homenagem ao seu soberano, prepara uma grande subscrição publica,



O REI OSCAR E A RAINHA SOPHIA
DA SUECIA

cujos productos permitta a admissão do maior numero de doentes pobres no sanatorio para tuberculosos, fundado ha dez annos, por occasião do 25.º anniversario do advento ao throno do rei Oscar, com fundos colhidos igualmente por subscrição publica.

Grande numero de personagens de sangue real irão a Stockolmo apresentar as suas felicitações aos monarchas suecos; citam-se

que se conhece, ou, pelo menos, de que ha noticia. Mas desde que o Egypto é explorado e se tem procedido a excavações e pesquisas, com sciencia e consciencia, por diversas vezes foram encontrados desenhos representando barcos de época mais remota do que a da Arca de Noé, ou seja anterior a 2840 annos antes de Christo. Como se sabe, é esta a data, approximadamente, em que se suppõe ter occorrido o Diluvio universal.

Ora em 1894 o explorador J. de Morgan descobriu, nas abobadas de tijolo de Dashur, não longe do Cairo e na margem esquerda do rio, algumas embarcações, perfeitamente conservadas, da época da duodecima dynastia, isto é, muitos annos mais velhas do que a arca biblica.

Essas embarcações teem approximadamente onze metros de comprimento por dous e meio de largura e cerca de um metro de calado.

OS REIS DA NORUEGA EM PARIS

Acabam de ser hospedes da França, de 27 a 30 de maio, o rei e a rainha da Noruega.



Os soberanos da Noruega em Paris. — A sabida do Hotel de Ville

especialmente o duque e a duquesa de Connaught, o principe Arthur e a princeza Patricia.

BARCOS PREHISTORICOS

Em geral considera-se a Arca de Noé como a nau mais antiga

O programma, como todos os deste genero: recepções officiaes, jantar no Elyseu, visita ao *Hotel de Ville*, recita de gala na Opera, passeio a Versailles, etc.

O passeio a Versailles ia ficando notavel por um incidente que ia dando funestos resultados.



MODAS

As maiores novidades para a estação de verão

Confecções: Modelos dos mais afamados alfaiates e modistas de Paris. Confecções de luxo e artigo modesto e barato. Modelos authenticos e copias perfeitissimas

TECIDOS PARA VESTIDOS

DE ALTA PHANTASIA E ULTIMA MODA

AS MELHORES fazendas para vestidos genero tailleur.

Os soberbos e modernissimos cortes de etamine bordados para os vestidos mais elegantes e chics da estação

SEDAS: as ultimas creações da moda.

Tudo, de todos os generos e preços!

BLUSAS BORDADAS: Vendemos aos milhares de riquissimas e elegantes blusas

CHAPEUS: Chapaus modelos, cheios de chic, bom gosto e novidade por preços de phantastica barateza.

OUTRAS NOVIDADES

Todos os nossos artigos de estação são de uma escolha esmerada e de molde a satisfazer os freguezes mais exigentes.

Os nossos preços offerecem vantagens a todas as senhoras que gostarem de vestir bem e com bastante economia.

VEJAM AS GRANDES MODAS NA

CASA AFRICANA

ARMAZEM DE MODAS

RUA AUGUSTA — RUA DA VICTORIA

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

CASA BANCARIA

PRAÇA DE D. PEDRO, 138

Telephone, 365 Endereço telegraphico-Casenof

Codigos { A. B. C. 4.^a Ed.^{ão}
RIBEIRO

SOCIOS:

Joaquim Pinto da Fonseca
Manoel Pinto da Fonseca
José Ignacio Xavier

Agencias nas principaes praças estrangeiras

Correspondentes nas principaes terras do paiz

Fazem todas as operações bancarias

MERCURIO

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

CAPITAL Rs. 2.000:000*000

Sede: RIO DE JANEIRO

DEVIDAMENTE LEGALISADA EM PORTUGAL

Agentes geraes em Portugal:

M. MARTINS & C.^a

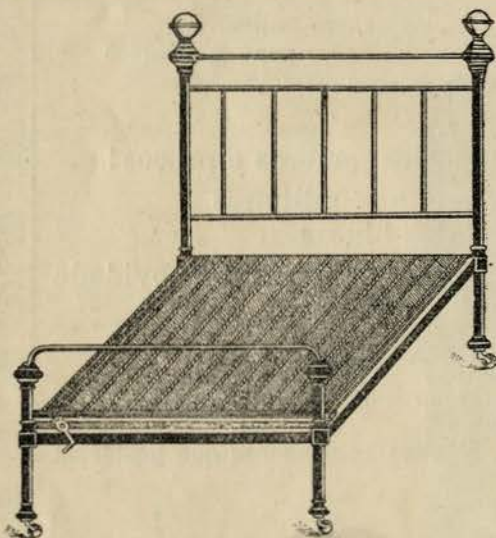
Porto-R. Ferreira Borges, 38-1.^o-TELEPHONE 694

Lisboa-R. de Santa Justa, 107-2.^o-TELEPHONE 1303

Banqueiros:

Pinto da Fonseca & Irmão

PORTO



A INDUSTRIAL VIEIRA & SILVA FABRICANTES

461 — RUA DO ALMADA — 463
PORTO

Camas de ferro simples e com guarnições de metal dourado; sortimento completo em todas as dimensões, do aperfeiçoado systema de armação, simples e solida.

Colchões e enxergões; permanente fabrico e deposito completo em todas as dimensões e qualidades, pannos de riscado e linho para enchimento de palha, folhelho, lã e sumauma.

Lavatorios de ferro para barato e modelos ornados com hastes para toalhas e galerias para disposição de todos os pertences de toilette, com os seus accessorios de louça fina.

Fogões de ferro forjado, para cozinha, fabrico especial em pequenas e grandes dimensões para hotéis, restaurantes, etc. (peçam o modelo industrial).

Cofres de ferro verdadeiros á prova de fogo, fabricação solida, isolador completo e garantido, como provam declarações authenticas de sinistros acontecidos.

Obras de zinco em todos os generos, banheiras em todos os formatos e dimensões para adultos, baldes e regadores, escarradeiras, bidets, retretes para quarto, etc.

«A INDUSTRIAL» fabrica nas suas officinas, em larga escala, todos os artigos em mobílias de ferro, colchoaria, etc.; exportação em grande escala para todo o reino, Ilhas, Africa e Brazil

CERTEZA absoluta de seriedade em todos os negocios e condições de venda por junto e a retalho, por preços fixos

ENVIAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

EMPRESA

Industrial de Cortumes

(PROCESSO PRIVILEGIADO)



AGENTE EM LISBOA

CARLOS GOMES & C.^a

Rua dos Retrozeiros, 45-1.º

Deposito na fabrica

Avenida da Boa-Vista—Porto

ESCRITORIO

138, Praça de D. Pedro, 138

UZAE
Nos nossos automoveis
A
DA
Automovel-gazo
Colonial Oil Company
Agencia no Porto
208-1.º, Mouzinho da Silveira
TELEFONE N.º 92
PORTO

Escola Pratica Commercial

Raul Doria

E

**Escola Pratica
de Economia Domestica**



422, RUA DE FERNANDES THOMAZ, 442

PORTO

(Fundada em 1902)

Director — **Raul Doria**
Administrador — **Silva Doria**



*Primeiro e unico estabelecimento
de ensino commercial do paiz*

SEM RIVAL

Unica escola montada com todo o rigor
da pratica commercial

5 casas de commercio dentro da escola

Cursos nocturnos e diurnos
Cursos commerciaes para senhoras
Cursos de Economia domestica
Cursos por correspondencia

Remette-se o programma gratuitamente a quem
o requisitar

Novidade litteraria

O Marquez de Niza

POR

EDUARDO DE NORONHA



Primoroso romance historico,
maritimo, illustrado com 21 gravuras
e os retratos
do auctor e do Marquez de Niza

Todos os bons portuguezes de-
vem lêr este excellente livro, que
faz vibrar de bem justificado orgu-
lho a alma nacional.

Um bello volume de 526 paginas,
brochado 1\$000 réis, encadernado em
capas especiaes, 1\$200 réis. Pelo cor-
reio, 1\$060 e 1\$260 réis.

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA

MARQUES ABREU & CA

R. DE S. LAZARO 310 - PORTO



As empresas editoraes tem preferido estes ateliers, não só pelo maximo escrupulo que preside aos seus trabalhos, executados pelos mais aperfeiçoados processos em uso no estrangeiro, e que em larguissima escala se executam nestas officinas, como pelo rigor tecnico e modicidade de preços, que os tornam dos mais conhecidos e aptos a competir com as outras officinas de photogravura do paiz.

Arte

DIRECTOR
e
GRÁVADOR

Marques Abreu

A «ARTE» é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia, e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos de reprodução pela gravura, em todos os seus ramos, e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 réis
Pelo correio	390 »
Avulso	80 »

Edição especial em cartão Couché

Anno 720, pelo correio 780, Avulso 50 réis
O minimo praso d'assignatura é por um anno.

ESCOLA PRATICA DE COMMERCIO

DIRECTOR

Leopoldo Carlos d'Alcantara Carreira
26, PRAÇA DA TRINDADE, 27

PORTO

CURSO DIURNO
DAS 8 ÁS 12 DA MANHÃ



CURSO NOCTURNO
DAS 6 ÁS 10 DA NOITE

ENSINO ABSOLUTAMENTE PRATICO

DE

Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Contabilidade,
Escripturação Commercial, Calligraphia, Historia e Geographia,
Commercial, Economia Politica,
Direito Commercial, Tachygraphia e Escripta á Machina

CURSOS DE EXPLICAÇÃO PARA O INSTITUTO, ESCOLA NORMAL E LYCEU
*Esta Escola tem annexo uma secção
de Internato que satisfaz por completo a todas as exigencias*

PEDIR ESCLARECIMENTOS Á SECRETARIA DA ESCOLA

No Fogão



Charadas em verso

(1)

Trazer no peito a tua imagem — 2
É o meu prazer, anjo formoso! — 2
Mas quantas vezes se me torna
Desagradavel e penoso!

Elvas.

(2)

Bom leitor, n'este momento — 1
Com certeza aqui me vês. — 1
E qual mulher criminosa — 1
De joelhos eis-me a teus pés.

No meu conceito
Vês animal.
Busca fugir-lhe,
Que te faz mal.

Porto.

M. S. SEARAMIUG.

(3)

A flôr que tombou á agua — 2
Vae levada na corrente — 2
Como objecto dedicado
A um culto transcendente.

Caminha.

RAUL.

Charadas augmentativas

- (4) Trespasa o animal — 2
(5) O molde é instrumento — 2
(6) O almirante gosta do fogo — 2

GEBO.

Charadas biformes

- (7) A flôr espeta — 2
(8) No rio ha um animal — 2

Charadas syncopadas

- (9) Na igreja ha creme — 3 (2)
(10) É cruel a argilla — 3 (2)

KAOLINE.

Charadas electricas

- 11) Lucte com o magistrado — 2
(12) O animal está no cume — 3 — (2)

MAROLI.

Charadas em frase

- (13) No elemento o animal fez um desenho — 3 — 2
(14) O instrumento vae a caminho da prisão — 2 — 2 —

- (15) Brilha ao jogo o militar — 1 — 2 —
(16) Prende o animal enfeitado — 2 — 3 —

KAOLINE.

Charadas transpostas

- (17) É querido o instrumento — 2
(18) Tem agua no casaco — 2 —

MAROLI.

Enygma

- (19) Duas vezes cem é igual a oito.
Onde está o doce?
(20) Nove mais um sujeitos desdentados.
Onde estão os herdeiros?

CALIXTO.

Enygmas typographicos

(21)

R

(22)

XX

Ovar.

GONÇALO.

Logogripho

(23)

N'uma serra houve um jantar — 3 — 5 — 9 — 10 — 11
aonde eu *saboreei* — 1 — 8 — 7 — 12
um *manjar* de que gostei — 6 — 14 — 4 — 2
feito de um *peixe* do mar. — 11 — 12 — 13 — 5

Bebi depois, em louvor
d'este publico escriptor.

Gaya.

THOMAZ.

Correspondencia:

S. M. Searamiug — Muito obrigado pelas suas boas palavras. Lá vae uma producção das que enviou. Não pôde ser tudo — para chegar a todos.

Tito — Crêmos que estão muito bem feitas. Publicou-se uma, como vê.

Gebo — Muito grato. Mande mais.

Kaoline — Passe muito bem, — e não se esqueça de nós.

Rascante — As producções que nos enviou não servem. Poupe-nos ao trabalho de lhe dizermos por quê.

Manoli — Não publicamos os seus acrosticos pela razão de que elles, como todos, estão sujeitos a milhares de decifrações.

Thomaz — Agradecidos. Cortou-se a dedicatória por motivo que facilmente supporá.

Livraria da Empresa Litteraria e Typographica

184—RUA DE D. PEDRO—184

PORTO

Dr. Anão de Vasconcellos

MEMORIAS DO MATA-CAROCHAS — *Aventuras, anedotas, casos e peripecias da época mais famosa da Universidade de Coimbra*, 1 vol. 800

Antonio Candido

DISCURSOS E CONFERENCIAS, 1 vol. com o retrato do auctor. 1\$000
DISCURSOS PARLAMENTARES, 1 vol. 1\$000
INFANTE D. HENRIQUE, com o retrato do Infante 200

Camillo C. Branco

AMOR DE PERDIÇÃO, 14.^a edição, accrescentada com estudos criticos de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, e illustrada com 6 simile-gravuras e o retrato do auctor, 1 vol. brochado, 600 réis, encadernado em capas especiaes 800

D'esta edição tiraram-se 10 exemplares em superior papel Kent numerados de 1 a 10, e 10 exemplares em papel *couché* numerados de 11 a 20. Os de papel Kent, 1/2 encadernação em marroquim, dourados á cabeça, vendem-se a 3\$000 réis; os de papel *couché*, 1/2 enc. em chagrin, a 2\$000 réis.

Conselheiro Ruy Barbosa

(*Notavel orador e jurisconsulto brasileiro*)

DISCURSOS E CONFERENCIAS, 1 volume de 558 paginas, magnifica edição, brochado, 1\$500 réis; encadernado em capas especiaes 1\$800

Francisco Mangabeira

VISÕES DE SANTA THERESA, 1 vol. 300

Dr. Castro Rebello

ARDENTIAS, 1 vol. 300

Dr. Euclides da Cunha

CONTRASTES E CONFRONTOS, 1 vol. prefaciado por José Pereira de Sampaio, (Bruno), em brochura. 800
encadernado em capas especiaes 1\$000

Eduardo de Noronha

O MARQUEZ DE NIZA. Primoroso romance historico, maritimo, illustrado com 21 gravuras e os retratos do auctor e do Marquez de Niza. Brochado, 1\$000 réis; encadernado. 1\$200

Todos os bons portuguezes devem ler este excellente livro, que faz vibrar de bem justificado orgulho a alma nacional.

Gervasio Lobato

MYSTERIOS DO PORTO, 5 vol. illust. broc. 3\$000
enc. em percalina 4\$000

Henrique de Mendonça

O REINO DOS CÉOS, 2.^a edição, 1 vol. 800
AC ROMPER DO SOL, 2.^a edição, 1 vol. com o retrato do auctor. 600

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

MULHERES E CRIANÇAS, notas sobre educação, 2.^a edição 1 vol. 600
CONTOS PARA OS NOSSOS FILHOS, 5.^a edição, 1 vol. illustrado com 8 chromotypographicos e 92 grav. intercaladas no texto, encadernado em lindas capas de percalina 800

Este interessante livro, approvado pelo antigo conselho de Instrução Publica para uso das escolas, constitue um dos mais uteis e attrahentes premios para a infancia.

Sá d'Albergaria

O SEGREDO DO EREMITA, primoroso romance de costumes, no qual o auctor descreve com tanta verdade como maestria, scenas da vida bohemia, em que tomaram parte Camillo Castello Branco, Alfredo Carvalhoes, Agostinho Albano, Rosalino e outros personagens muito conhecidos ainda da actual geração. 5 vol. brochados 1\$500
encadernados em capas especiaes 2\$000

Obras de Peres Escrich

O AMOR DOS AMORES, 3 vol. illustrados. 1\$800
O ANJO DA GUARDA, 3 vol. ill. 1\$800
OS APOSTOLOS, 3 vol. ill. 1\$800
OS CAÇADORES, 1 vol. 500
O CAMINHO DO BEM, 4 vol. ill. 2\$000
A CARIDADE CHRISTÁ, 3 vol. ill. 1\$800
OS COMICOS AMBULANTES, 1 vol. ill. 500
O CURA D'ALDEIA, 3 vol. ill. 1\$800
A FELICIDADE, 4 vol. ill. 2\$000
O INFERNO DOS CIUMES, 3 vol. ill. 1\$800
LIVRO PARA MEUS NETOS, 1 vol. 500
O MARTYR DE GOLGOTHA, 3 vol. ornados de 19 gravuras de pagina, br. 1\$200
enc. em capas especiaes 1\$800
MAGDALENA, 1 vol. ill. 500
A MANCHA, 1 vol. ill. 500
O MARTYRIO DA GLORIA, 1 vol. 500
O PÃO DOS POBRES, 3 vol. ill. 1\$800
O PIANO DE CLARA, 1 vol. ill. 500
OS PREDESTINADOS, 4 vol. ill. 2\$000
PROSA DA GLORIA, 1 vol. ill. 500
RICO E POBRE, 3 vol. ill. 500
O ULTIMO BEIJO, 4 vol. ill. 2\$000

Rev. I

